

Agachar para o corpo sarado

Nestes dias, cada vez mais pessoas investem na boa forma física. Fazer exercícios nos ginásios e nas ruas, ao ar livre, virou moda. **p. 22-24**



Gosto pela música virou sucesso

Nsoki Neto, uma das cantoras mais aplaudidas da actualidade, dá a sua voz a vários estilos musicais. Em Agosto de 2012, colocou no mercado o seu primeiro single, "Meu Anjo". O mercado recebeu-a muito bem. **p. 12-13**



LUANDA

JORNAL METROPOLITANO DA CAPITAL ANGOLANA



11 DE NOVEMBRO
DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL
(1975 - 2017)
UNIDOS POR UMA
ANGOLA DEMOCRÁTICA,
UNA E INDIVISÍVEL

27 de Novembro de 2017 • Ano 0 • Número 12 •

Publicação quinzenal, à segunda-feira

CANCRO DA PRÓSTATA

TOQUE RECTAL INIBE HOMENS DO RASTREIO

O toque rectal, em que consiste, basicamente, o exame do cancro da próstata, "é o inimigo dos homens". O doutor Apolíneo Felizardo Paxi, urologista clínico e cirurgião, alertou que 20 por cento dos casos são diagnósticos com recurso ao toque rectal e confirmados com a biopsia. **p. 28-29**

PROJECTO ESCOLAR

CRIANÇAS APRENDEM NOS MULENVOS

No "Projecto Escola Mulenvos de Cima", município de Viana, além do ensino convencional, as crianças aprendem os princípios bíblicos, como a Soberania, onde Deus é o início de todas as coisas. Porque as famílias não têm condições para o suportar, o ensino é gratuito. A instituição alberga 90 crianças e vive de doações. **p. 8-9**

JORGE MULUMBA

A VALORIZAÇÃO DO QUE É NOSSO

Jorge Mulumba coordenou o Festival "Muanba", Música Ancestral Bantu, que preencheu noites da Trienal de Luanda. O músico e pesquisador fala de folclore e de ancestralidade e defende a permanente valorização do que é nosso. **p. 10-11**

MERCADO DO KIKOLO

INCÊNDIO DEIXA VENDEDORAS SEM RECURSOS

Exactamente 225 vendedoras do Mercado do Kikolo perderam haveres e dinheiro. Um incêndio destruiu quatro contentores, onde as mulheres os guardavam. Há quem tenha ficado sem negócio, nem dinheiro para recomeçar. **p. 20-21**

RADIOGRAFIA

Cidade capital: Mais problemas, menos soluções

Em Luanda, os problemas parecem não ter tamanho e as soluções dificilmente ajudarão a contorna-los. No Hoji-ya-Henda, um centro de saúde simplesmente desapareceu. No Zango, moradores acusam a Administração de Viana de envolvimento na ocupação de terrenos. Na Avenida Ngola Kiluanje, uma cratera de três metros de profundidade ameaça gente circunvizinha. Na Samba, o novo mercado da Mabunda não absorve todos os vendedores... **p. 4-5**



Agachar para o corpo sarado

Nestes dias, cada vez mais pessoas investem na boa forma física. Fazer exercícios nos ginásios e nas ruas, ao ar livre, virou moda. **p. 22-24**



Gosto pela música virou sucesso

Nsoki Neto, uma das cantoras mais aplaudidas da actualidade, dá a sua voz a vários estilos musicais. Em Agosto de 2012, colocou no mercado o seu primeiro single, "Meu Anjo". O mercado recebeu-a muito bem. **p. 12-13**



LUANDA

JORNAL METROPOLITANO DA CAPITAL ANGOLANA



11 DE NOVEMBRO
DIA DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL
(1975 - 2017)
UNIDOS POR UMA
ANGOLA DEMOCRÁTICA,
UNA E INDIVISÍVEL

27 de Novembro de 2017 • Ano 0 • Número 12 •

Publicação quinzenal, à segunda-feira

CANCRO DA PRÓSTATA

TOQUE RECTAL INIBE HOMENS DO RASTREIO

O toque rectal, em que consiste, basicamente, o exame do cancro da próstata, "é o inimigo dos homens". O doutor Apolíneo Felizardo Paxi, urologista clínico e cirurgião, alertou que 20 por cento dos casos são diagnósticos com recurso ao toque rectal e confirmados com a biopsia. **p. 28-29**

PROJECTO ESCOLAR

CRIANÇAS APRENDEM NOS MULENVOS

No "Projecto Escola Mulenvos de Cima", município de Viana, além do ensino convencional, as crianças aprendem os princípios bíblicos, como a Soberania, onde Deus é o início de todas as coisas. Porque as famílias não têm condições para o suportar, o ensino é gratuito. A instituição alberga 90 crianças e vive de doações. **p. 8-9**

JORGE MULUMBA

A VALORIZAÇÃO DO QUE É NOSSO

Jorge Mulumba coordenou o Festival "Muanba", Música Ancestral Bantu, que preencheu noites da Trienal de Luanda. O músico e pesquisador fala de folclore e de ancestralidade e defende a permanente valorização do que é nosso. **p. 10-11**

MERCADO DO KIKOLO

INCÊNDIO DEIXA VENDEDORAS SEM RECURSOS

Exactamente 225 vendedoras do Mercado do Kikolo perderam haveres e dinheiro. Um incêndio destruiu quatro contentores, onde as mulheres os guardavam. Há quem tenha ficado sem negócio, nem dinheiro para recomeçar. **p. 20-21**

RADIOGRAFIA

Cidade capital: Mais problemas, menos soluções

Em Luanda, os problemas parecem não ter tamanho e as soluções dificilmente ajudarão a contorna-los. No Hoji-ya-Henda, um centro de saúde simplesmente desapareceu. No Zango, moradores acusam a Administração de Viana de envolvimento na ocupação de terrenos. Na Avenida Ngola Kiluanje, uma cratera de três metros de profundidade ameaça gente circunvizinha. Na Samba, o novo mercado da Mabunda não absorve todos os vendedores... **p. 4-5**



NOTA DO DIA



CAETANO JÚNIOR

VALE A PENA TRABALHAR POR LUANDA

Há mais ou menos três meses, o Luanda, Jornal Metropolitano, começou uma relação que pretendia profícua e íntima com os habitantes da província capital do País. Para que a ligação se consumasse, nos termos em que foi esboçada, seria imperioso, à publicação, satisfazer alguns anseios de que em a lê, como é óbvio. A condição indispensável para este estreitar de laços era trazer à luz informações nas quais os luandenses se revissem; factos que lhes fizessem despertar o "sentimento de inclusão" e que os levassem a acreditar que, de facto, os problemas que os apoquentam "saem no jornal" e, logo, são do conhecimento de quem tem o poder de os resolver.

É evidente que soaria a arrogância presumir que o jornal Luanda tenha, já agora, atingido a meta a que se propôs. Sequer está perto de o fazer. Porém, a serem guias reacções de leitores e avaliação crítica de quem entende do ofício, fica a ideia de que a publicação segue o caminho certo, se o pensamento for, de facto, trazer à tona o que gravita à volta de Luanda. Portanto, o desafio continua.

Entretanto, quem vos escreve gostaria imenso de insistir em fazê-lo e, assim, ajudar no trabalho de edificação de um título que quer aproximar luandenses e ser-lhes permanentemente solidário. Mas não será possível. Ele fica por aqui. Novos desafios clamam-no. É uma saída dolorosa; sentida por quem viu este projecto nascer e o segue com o carinho e a protecção que merece um recém-nascido.

É uma saída dolorosa; sentida por quem viu este projecto nascer e o segue com carinho...

Luandando

ROSALINA MATETA
Sub-Editora

ARRISCANDO-ME SOBRE PASSADEIRAS INVISÍVEIS

A vida corrida de Luanda, a grande cidade, aliada à escassez de transportes públicos, obrigou a que muitos de nós optasse pela compra de uma viatura que servisse os interesses de locomoção e comodidade. Um despiste aos incómodos e desconfortáveis "candongueiros", os táxis azuis e brancos.

Eu sou uma das pessoas que conseguiu livrar-se da "baúca" e da ordem do cobrador para um emagrecimento instantâneo. Mas, ainda assim, é com muita frequência que, infelizmente, experimento a amarga e perigosa missão de ser peão, pois, na baixa de Luanda, não é possível estacionar à porta da empresa. Dai que, vezes sem conta, deixo o meu carro há dois ou mais quilómetros de distancia do lugar em que trabalho. A principal razão para isso é o facto de sermos muitos os trabalhadores que madrugam para encontrarmos uma vaga nos parques ou locais de estacionamento ainda sob domínio público.

Na qualidade de apeeda, vivencio dificuldades para atravessar as estradas, não só por conta do incumprimento das regras de trânsito por muitos automobilistas, mas, sobretudo, por falta de passadeiras ou pela invisibilidade das mesmas. Qualquer pedestre já terá notado que, em muitas avenidas e ruas de Luanda, não se vêem passadeiras. Peço a atenção dos peões e dos automobilistas, em especial, a Hochi Min, Marien Ngouby, Amílcar Cabral, I Congresso do MPLA, Comandante Veneno, Major Kanhangulo e Rainha Njinga, apenas para citar algumas. Não de confirmar que em muitos pontos destas conhecidas vias não é possível vislumbrar vestígios de passadeiras. Um bom exemplo do que observo aqui pode ser confirmado em frente aos dois edifícios da Sonangol, na junção das ruas I congresso do MPLA e Rainha Njinga. Aquele ponto de travessia é, diariamente, bastante usado por centenas de peões, inclusive, pelos funcionários da empresa petrolífera angolana.

Precisamente naquele cruzamento, existiu uma passadeira, que hoje só a teimosia de quem a conheceu ainda permite que se atravesse por ali. Pois já há algum tempo que os resquícios da tinta branca desapareceram. O lugar é digno de uma lápide, cuja inscrição devia ser: "Aqui jaz uma passadeira". O gesto, ao menos, serviria para chamar a atenção daquele motorista que, saído, por exemplo, do Kwando-Kubando, viesse, pela primeira vez, visitar Luanda. Acreditem! A sugestão da lápide é seria e sincera, porque poderá ajudar a poupar vidas, enquanto quem tem a responsabilidades de deixar as passadeiras bem visíveis se desdobra em burocracia.

Postal da Cidade

Escreva-nos por e-mail para: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao



MIQUEIAS MACHANGONGO | EDIÇÕES NOVEMBRO

O buracão

CAVAR, CAVAR E ... CAVAR

De algum tempo a esta parte, é comum ver, na cidade capital, empresas que cavam o tapete asfáltico das vias e passeios, para trabalhos de telecomunicações, de energia ou água e, no final, deixarem tudo o trabalho por concluir. Por isso, hoje, vemos muitos buracos por fechar, cabos de electricidade à mostra, entulhos de areia, enfim, situações que acabam por criar grandes constrangimentos aos utentes de estradas, ruas, ruelas etc. O "buracão" da imagem acima é resultado de um trabalho inacabado da EPAL, na tentativa de reparar uma ruptura, na avenida Ngola Kiluanje. A cratera tem, mais ou menos, três metros de profundidade e é ignorado ao lon-

go de dois anos, como se não representasse qualquer perigo. Precisou o governador de Luanda, Adriano Mendes de Carvalho, passar pela comuna do Hoji ya Henda, município do Cazenga, para que fossem conhecidos os responsáveis pela tamanha abertura e se buscasse a solução que lhe desse fim. Os moradores temem pelo perigo que o buraco representa, principalmente, no período da noite. Dizem que, quando chove, o buraco enche-se de água e esta acaba por transbordar e invadir a avenida e algumas casas das redondezas. É, pois, uma situação que deve merecer a atenção das autoridades. Afinal, a segurança não pode esperar.

A palavra ao leitor



Falta de iluminação

Sou morador da Centralidade do Kilamba e trabalho na baixa de Luanda. Todos os dias, volto a casa no período da noite e a minha insatisfação vai para a falta de iluminação pública em algumas zonas da cidade. Chamou a minha atenção a zona da UGP, via Futungo, até à ponte do Benfica. Os postos estão lá, mas a iluminação que, é boa, nada

Valódia Jorge
Kilamba

Pausas pedagógicas

Tenho dois filhos que estudam e estão de férias. Nos últimos dias, observei

que eles estão muito felizes por não ir à escola. Mas procurei saber o motivo e um deles respondeu, bem rápido: "não temos mais necessidade de acordar muito cedo". Fiquei com inveja deles, até certo ponto. E para todas as crianças de Luanda que estão de férias, desejo-vos felicidades pedagógicas.

Graciana Manuel
Benfica

Cobrador de taxi

Geralmente, temos uma má impressão dos cobradores de táxi, pela falta de respeito de muitos deles para com os passageiros. Mas, recentemente, subi num táxi onde encontrei um jovem cobrador fora do comum. Muito respeitoso, mesmo quando os passageiros tentavam tirar-lhe a calma. O rapaz tinha classe ao lidar com o público.

Margarida da Silva
São Paulo

LUANDA

Directores Executivos: Caetano Júnior e Cristina da Silva

Sub-Editora: Rosalina Mateta

Secretária de redacção: Maria da Gama

Jornalistas: Arcângela Rodrigues, Domiana N'Jila, Fula Martins, Helma Reis, João Pedro, Mazarino da Cunha, Manuela Mateus, Nilsa Massango, Neusa de Menezes e Solange da Silva

Fotógrafos: Francisco Bernardo, Rogério Tuti, Contreiras Pipa, Domingos Cadência, João Gomes, M. Machangongo e Kindala Manuel

Designer: Irineu Caldeira & Adilson Félix

Morada: Rua Rainha Jinga 12/26. Caixa Postal: 13 12

Telefone: 222 02 01 74/222 33 33 44 **Fax:** 222 33 60 73

Mail: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Publicidade: (+244) 926 40 69 29/923 40 27 00 **MAIL:** antonio.goncalves@edicoesnovembro.co.ao



Presidente do Conselho de Administração: Vítor Silva

Administradores Executivos:

Caetano Pedro da Conceição Júnior,
José Alberto Domingos, Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abriol,
Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Administradores não Executivos:
Olimpio de Sousa e Silva, Catarina Vieira Dias da Cunha

**SÁBADOS E DOMINGOS
BRINCAR, CONVERSAR
E PÔR O AMOR EM DIA**

Aos sábados e domingos, ao cair da tarde ou no começo da noite, visitantes lotam o espaço. Geralmente, há muita movimentação: crianças correm de um lado para o outro; casais, a caminhar ou sentados, colocam o amor em dia.



**ATRACÇÃO
ESPAÇO CONVIDATIVO
COM RELVA E PLANTAS**

O Largo é atrativo: Iluminação e jardim com a relva e as plantas em boas condições. Fotógrafos e vendedores de pipoca andam atrás de clientes. Porém, nota negativa para os repuxos. Deles, esperava-se que jorrassem água.



LAZER

VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO

EMBLEMA O Largo da Independência é o centro de confluência para muitos luandenses, que saem dos mais diferentes lugares, à procura de tranquilidade ou diversão

Largo da Independência recebe mais visitantes

Populares queixam-se da falta de espaços para diversão e vêm no largo um lugar oportuno para conversar, brincar ou namorar

Arcângela Rodrigues
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

A Praça da Independência, ex Largo 1º de Maio, é um dos locais mais emblemáticos de Luanda. São muitos os cidadãos que, diariamente, passeiam pelo largo que a circunda e têm-na como um dos seus lugares preferidos. Muitas famílias, casais e até amigos optam por estudar, namorar, fazer fotografia ou simplesmente deixam-se estar apenas a contemplar o que se passa à volta.

Sábado e domingo, 14 e 15 de Outubro, ao cair da noite, visitamos o local, havia muita movimentação; crianças corriam de um lado para o outro, umas andavam de bicicleta e outras em patins.

No coração da Praça, à volta da figura do primeiro presidente de Angola, António Agostinho Neto, os lancis delimitadores, revestidos de mármore, também serviam de assento, porque os que lá existem estavam todos ocupados.

No jardim, a imagem de Neto, ao alto, e as piscinas dos repuxos de água foram os lugares escolhidos por muitos visitantes para tirar fotografias.

O Largo estava todo iluminado e o jardim com a relva e plantas em boas condições. Os fotógrafos e vendedores de pipoca andavam atrás das pessoas em busca de clientes. Nota negativa para os repuxos. Deles esperava-se que jorrasse água. Mas, apesar de artificiais, secaram. A água deixou de encantar os visitantes.

Emiliana Marcolino, carregava uma criança ao colo, na companhia de um amigo. Sentavam-se no lancil delimitador. Os dois estavam a conversar, quando foram interrompidos pela reportagem do JML.

Não foi fácil entrevista-los, porque um atirava a responsabilidade ao outro para falar. Por fim, Emiliana Marcolino é quem falou ao JML, que lamentou a falta de espaços para lazer. Para divertir-se, muitas vezes tem de percorrer longas distâncias. A estudante universitária disse que vai pou-

co ao Largo Primeiro de Maio. "Se venho para aqui é porque combinei com um amigo". Salientou que, além de estar próximo de casa, é um sitio onde se pode conversar à vontade, sentir o gosto do ar livre e, ao mesmo tempo, apreciar a bela paisagem ao nosso redor", revelou.

Emiliana Marcolino mora no bairro Popular, portanto, perto do local. Para chegar à Praça da Independência apanhou um táxi. "Antigamente, no meu bairro, havia um parque infantil, onde podíamos levar as nossas crianças. Infelizmente, foi destruído para dar lugar a um restaurantes, quiosques e hamburgarias...", lamentou.

A estudante recordou-se também da Feira Popular, que deixou de cumprir com o seu papel. Matou-se assim um espaço que preenchia o tempo de lazer dos moradores. Emiliana concluiu ainda que, após a requalificação da antiga e da nova marginal de Luanda, houve uma queda de visitantes ao Largo da Independência. Por seu lado, Marica António vive no bairro do Gamek.

Faz questão de, aos fins-de-semana, visitar o Largo. "Geralmente, estou em companhia do meu filho. Ele sente-se à vontade, a brincar aqui, por causa do espaço. Também me conforta aqui. Enquanto o meu filho brinca, aproveito para ler a Bíblia ou um outro livro. Quando estou nervosa também é aqui que me refugio, porque a brisa funciona como um analgésico", detalhou.

Marica pediu as autoridades da província de Luanda para que criem mais lugares para lazer e que os mesmos estejam próximos das diferentes zonas de residência. "Não precisaríamos de percorrer longas distâncias", reclamou.

A educadora de infância Jandira Carlos deslocou-se do bairro Tala-Hady, distrito

urbano do Cazenga, ao Largo da Independência, alegando falta de espaços para lazer na zona onde vive. Por sentir necessidade de estar num ambiente diferente, nos seus tempos livres, muitas vezes, mesmo sozinha, vai àquele lugar. "Gosto de estar aqui", revelou

FALTA ELECTRICIDADE E ABUNDAM MENDIGOS

Durante o " passeio" que o Luanda, jornal Metropolitano, efectuou pela Praça da Independência, constatou que faltava iluminação pública ao longo das ruas que dão acesso ao local. A situação condicionava também o funcionamento dos semáforos. Com algum embaraço no trânsito, um número grande de crianças de rua fazia-se aos carros para pedir esmolas.



ESTRATÉGIA GOVERNO PRETENDE GESTÃO PARTICIPATIVA

A visita de Adriano Mendes de Carvalho ao município do Cazenga enquadra-se numa estratégia do Governo da Província de Luanda, que pretende uma gestão participativa, na qual cada cidadão se sinta "um governador na área em que vive".



JOSÉ PAULO KAI A VISTORIA POSSÍVEL À REDE DE DRENAGEM

O vice-governador para área Técnica e Infra-estruturas, José Paulo Kai, disse aos jornalistas que, durante a visita, foi possível constatar, entre outras, a rede viária do município e a drenagem, principalmente, das águas pluviais.

MIQUEIAS MACHANGONGO | EDIÇÕES NOVEMBRO



VIDA Centralidade da Marconi já tem habitantes

RESPOSTA FUGIDIA PARA OS ENTRAVES

A visita de Adriano Mendes de Carvalho ao Cazenga enquadra-se numa estratégia do Governo da Província de Luanda, que pretende uma gestão participativa, na qual cada cidadão se sinta "um governador na área em que vive".

O vice-governador para área Técnica e Infra-estruturas, José Paulo Kai, disse aos jornalistas que, durante a visita, foi possível constatar, entre outras, a rede viária do município e a drenagem, principalmente das águas pluviais.

Questionado sobre a solução para o buraco na Ngola Kiluanje, o mau estado da 5ª Avenida e a drenagem da rua Porto Santos, o gestor público foi fugidioso, ao responder que planos de acções foram estabelecidos para que

os problemas sejam resolvidos e, assim, melhorar a qualidade de vida dos munícipes.

DOIS NA MARCONI

Entretanto, aos poucos, a centralidade Marconi começa a ser habitada. Pelo menos dois apartamentos já estavam ocupados, quando a delegação do Governo da Província a visitou, para se inteirar da situação em que se encontra e dos equipamentos sociais. No Cazenga, o governador inteirou-se, também, do funcionamento do sistema de escoamento da Lagoa de São Pedro. Este foi construído para impedir inundações em tempo de chuva e fazer aumentar a capacidade de escoamento da água das redes antigas de drenagem pluviais do município do Cazenga. **NM**

MIQUEIAS MACHANGONGO | EDIÇÕES NOVEMBRO



DESISTÊNCIAS Mercados às moscas, à espera de clientes

PERIFERIA

MIQUEIAS MACHANGONGO | EDIÇÕES NOVEMBRO



TRANSTORNOS Em muitos distritos de Luanda, a circulação automóvel é dificultada por vias sem condições

Problemas do Hoji-ya-Henda envergonhariam o herói

O antigo Centro de Saúde que dá nome ao herói da Luta de Libertação Nacional, no município do Cazenga, desapareceu por completo.

Nilza Massango

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Parte da 5ª Avenida está intran-sitável. Viaturas não circulam. As obras na via estão paradas, há algum tempo. Nem máquinas a funcionar, nem homens com a "mão na massa". Os transtornos, por causa do mau estado da estrada, são muitos.

A rua do Porto Santos tem sérios problemas de saneamento básico e de drenagem. Parece, até, que a via nunca recebeu asfalto. São grandes buracos e lavas de lamaçal, que dificultam o trânsito automóvel. Quando chove, a rua fica uma lástima e os moradores vêem dificuldades até para sair de casa.

Na avenida Ngola Kiluanje, bem junto à Testang II, existe, há quase dois anos, um buraco enorme, de mais ou menos três metros de profundidade. A cratera é resultado de uma escavação feita pela EPAL, na tentativa de reparar uma ruptura de água no local. O perigo está à espreita a todo instante. De noite, sem iluminação pública, quem não conhece a zona é capaz de mergulhar nele. E para sair, só mesmo com a ajuda de alguém, munido de algum equipamento, como cordas, escadas e outros que forem úteis.

A água, nas torneiras da casa do senhor Manuel Joaquim da Costa, jor-

ra às "minjinhas", ou seja, em pequenas quantidades ou com pouca pressão. O morador do bairro Hoji ya Henda atribui a culpa à ruptura de água na avenida Ngola Kiluanje, que, devido à escavação, deu lugar a um buraco grande.

"Este buraco está aqui há quase dois anos e é um perigo para nós, moradores, principalmente, quando chove", disse Manuel da Costa, apoiado por gente da vizinhança. Entre outros problemas, os acima citados são o que mais causaram indignação ao governador de Luanda, Adriano Mendes de Carvalho, na visita ao município do Cazenga, na última quarta-feira. Algumas soluções, como construir, novamente, o centro de saúde, reparar o buraco na avenida Ngola Kiluanje e reabilitar a 5ª Avenida, têm agora prazos. Adriano Mendes de Carvalho, o governador, pediu que essas obras sejam concluídas, para dar algum conforto aos moradores e às outras pessoas que transitam nessas ruas ou às que precisam dos serviços de saúde.

MERCADO ÀS MOSCAS

Pelo menos as pessoas que vendem produtos, anarquicamente, nas ruas da Comuna do Hoji-ya-Henda, no Cazenga, estão sem razão para o fazer. O mercado da "Nova Luz", com 250 bancadas, 15 quiosques e condições como casa de banho, câmara frigorífica e até um ge-

rador eléctrico, fica, praticamente, vazio, sem vendedores. São apenas 10 ou menos bancadas preenchidas. A taxa de ocupação é quase insignificante. paga-se 100 Kwanzas, por mês. O governador disse que é inadmissível haver ainda pessoas nas ruas a pedir locais para a venda, quando existe um mercado às "moscas".

A administração do mercado tem feito campanhas de sensibilização, sem sucesso. O mercado da "Nova Luz" continua vazio. Contam-se as pessoas que vendem e as que entram para comprar.

Sem razão, uma vendedora teve a coragem de interpelar o governador de Luanda, para pedir um espaço par vender. E como Adriano Mendes de Carvalho já sabe da astúcia de muitos comerciantes, indicou-lhe o mercado da "Nova Luz", onde a senhora estava, afinal, cadastrada. Mas abandonou o espaço, alegando, como o admitiu, que os compradores não entravam.

Adriano Mendes de Carvalho apelou os vendedores a aderirem aos mercados disponíveis e, assim, conseguir clientes. E àqueles vendedores que vieram de outras províncias aconselhou a regressarem. No mercado do Hoji ya Henda, está uma vendedora que veio do Huambo e que passa necessidade cá, em Luanda. A senhora, convencida pelo governador, aceitou regressar à sua província, com o apoio da Administração Municipal do Cazenga.



**CONDIÇÕES
CONSERVAR MELHOR**

O espaço, que tem disponíveis 460 lugares de venda, abre as portas aos clientes, oficialmente, no dia 8 de Janeiro. À luz do novo quadro, o pescado é comercializado em boas condições de higiene e conservação, para alívio dos clientes.



**JOANA MABUNDA
O ESPAÇO É REDUZIDO**

“Estou contente com a inauguração do mercado, mas lamento o facto de ser pequeno. Muitos vendedores vão ficar de fora. As mulheres estão a chorar. Eu pedi para começarmos a vender a partir de 8 de Janeiro, para que nos consigamos organizar.”

INAUGURAÇÃO

Venda segura no Mercado da Mabunda

Algumas peixeiras mostram-se, entretanto, apreensivas com a exiguidade da nova infra-estrutura, que obriga a que comerciantes fiquem sem lugar.

João Pedro

journal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

As vendedoras de pescado e hortícolas do mercado da Mabunda, no distrito urbano da Samba, passam a exercer a actividade sob melhores condições de sanidade e segurança, com a transferência para o Mercado do Peixe.

O novo espaço foi inaugurado na passada quinta-feira, pela ministra das Pescas e do Mar, Vitória de Barros Neto. A governante pediu às vendedoras que se organizem de maneira a cuidar das infra-estruturas acabadas de receber.

Criada para a comercialização de pescado, a infra-estrutura comporta uma zona com atracagem e descarga do pescado das embarcações; conta com uma lota para a venda a grosso, duas naves para os retalhistas e uma área para hortícolas.

No mercado, estão, igualmente, criadas as condições de trabalho para os pescadores. Para melhor conservar o produto, foram instalados dois contentores frigoríficos, equipamentos para o tratamento das águas residuais, entre outras condições, tanto para os vendedores como para os clientes.

O espaço, que tem disponíveis 460 lugares de venda, abre as portas aos clientes, oficialmente, no dia 8 de Janeiro. À luz do novo quadro, o pescado é comercializado em condições de higiene e conservação.

Joana Malungo, a administradora, detalha que o mercado tem 420 bancadas, uma nave para o peixe e outras para verduras. Há ainda uma área com água canalizada, para o tratamento do peixe, e o frigorífico para o conservar. A energia é 24/24 horas e, para os clientes, existe um parque de estacionamento, onde cabem cerca de 500 carros. “O espaço chega para todos. Estamos satisfeitas com o trabalho que está a ser feito. As mulheres do distrito da Samba estão todas agradecidas, porque hoje contamos com um mercado que tem melhores condições”, disse a administradora.

APREENSÃO

Embora satisfeitas com as infra-estruturas, vendedoras mostraram-se, entretanto, apreensivas. Muitos são os clientes que preferem comprar o peixe directamente das chatas e não no mercado, o que pode inviabilizar a utilidade deste.

Bem uniformizada, Dulce de Sousa mostrou a sua satisfação em poder trabalhar sob melhores condições, uma vez que, na época das chuvas, a situação é preocupante no local.

“Agora, podemos vender de maneira mais digna e dar maior segurança aos nossos clientes”, disse a vendedora.

Madalena António, também contemplada com um lugar no mercado, diz que a organização no recinto vai fazer a diferença. “Aqui, há espaços de conservação mais dignos. Deixaremos de registar um número elevado de perdas nas nossas vendas diárias”, frisou.

VELHA MABUNDA

Conceição Álvaro (Velha Mabunda) diz que o espaço não é suficiente para todos os vendedores da praça da Mabunda. As pessoas não vendem apenas peixe.

“Estou contente com a inauguração do mercado, mas lamento o facto de ser pequeno, porque muitos vendedores vão ficar de fora. As mulheres estão a chorar. Eu pedi para começarmos a vender a partir de 8 de Janeiro e fazermos tudo para que consigamos organizar-nos aqui e ninguém ficar de parte”, disse.

Acrescentou ser importante que o espaço chegue para todos, porque são muitas as mulheres que sustentam famílias. Este espaço passou a ser um mercado diversificado. Por isso, não podemos separar os outros, os que não vendem peixe, porque todos precisamos de sustentar as famílias.

Peixeira há mais de 60 anos, Conceição Álvaro, “Velha Mabunda”, nasceu na Samba, junto à praia, e começou a vida como vendedora de peixe.

Quanto à alcunha que carrega, foi herança da mãe, Joana Francisco, que também era peixeira.

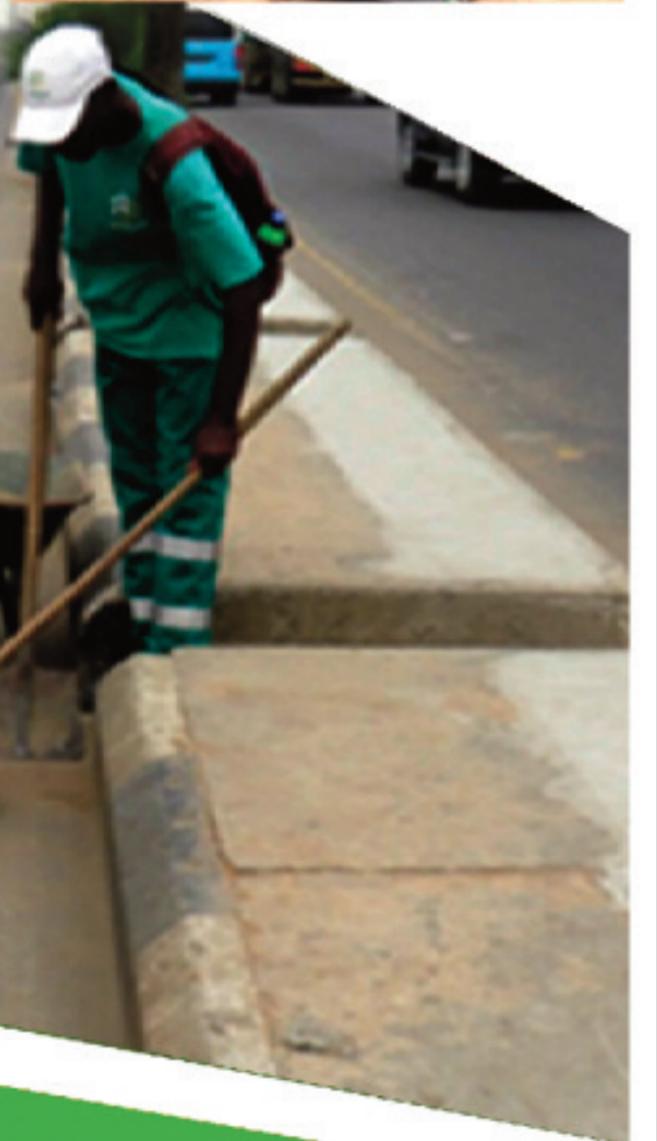


CONFORTO A venda vai decorrer sob melhores condições de sanidade e segurança para todos

VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO



elisal



- ✔ SERVIÇOS DE DESOBSTRUÇÃO DE SARJETAS
- ✔ VENDA DE BALDES
- ✔ ALUGUER DE BALNEÁRIOS E CONTENTORES
- ✔ SERVIÇOS DE SANEAMENTO
- ✔ RECOLHA DIRIGIDA
- ✔ LIMPEZA DIRIGIDA
- ✔ ATERRO SANITÁRIO DOS MULENVOS
- ✔ SERVIÇOS DE JARDINAGEM

**NÃO DEITE
LIXO NAS
SARJETAS**

A Elisal - Empresa de Limpeza e Saneamento de Luanda, tem como objectivo social a prestação de serviço público de limpeza e gestão de resíduos sólidos da província de Luanda, visão de assegurar a saúde pública e a protecção do meio ambiente.

Ambiciona liderar a transformação do paradigma de gestão de resíduos na província de Luanda implementando infra-estrutura de procedimentos de excelência na limpeza, recolha, tratamento, valorização e deposição final de resíduos que contribuem para a melhoria significativa dos municípios.



**ELISAL, PARA UMA
VIDA MAIS SAUDÁVEL**

Bairro Vila Flor - Zona 19-S3, Quarteirão 7 (Filda)

Caixa Postal 378 Luanda - Angola

Tel.: 222 00 34 64 - 940 95 16 95

E-mail: atendimento.cliente@elisal.co.ao

www.elisal.co.ao



ISAQUE MENDONÇA O FILHO CORREU RISCOS POR AUSÊNCIA DE SOCORRO

Isaque Mendonça é morador do bairro há um ano. Conta que, há duas semanas, o filho, de um ano, quase morreu em casa, por falta de um hospital próximo. O menino, que ardia em febre, foi levado às pressas até ao Hospital Pediátrico David Bernardino, onde foi socorrido.



JOSÉ VASCONCELOS FALHAS DE ENERGIA LEVAM PERIGO À ZONA

José Vasconcelos, outro habitante, mostra-se também preocupado com a situação do bairro. Morador da rua Q11, disse que, apesar de pagar a uma empresa privada, o fornecimento de energia falha muito, o que deixa a zona em perigo.

ENSINO

Crianças aprendem "com princípios"

O quotidiano duro de uma localidade onde faltam escolas e hospitais públicos e famílias inteiras vivem sem dinheiro e sem documentação



CONTREIRAS PIPA/EDIÇÕES NOVEMBRO

Cristina da Silva

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Laurinda Maiato agacha-se para recolher os brinquedos espalhados no chão da sala de aulas, enquanto os colegas perfilam-se em direcção ao pátio, para a entoação do Hino Nacional. A menina de sete anos está na Iniciação e já compreende o que a escola representa para si e para os seus colegas. A pequena Laurinda e colegas fazem parte de um grupo que aprende os sete princípios que norteiam o Projecto Escola Mulenvos de Cima.

Além do ensino convencional, as crianças aprendem os princípios bíblicos, como a Soberania, onde Deus é o início de todas as coisas. "Neste primeiro princípio, que é o início de todas as coisas, desde a nascença, as crianças aprendem que, ao desobedecerem, elas não crescem", explicou a professora Júlia. Fazem também parte dos princípios o auto-governo, carácter, união, individualidade, semear e colher e a mordomia.

O aproximar da carrinha de marca Ford Ranger, de cor azul, é o despertar das crianças da Rua Tufula, no bairro Baixa de Cassange, em Viana. 14 de Novembro, 7h00 da manhã. De dentro, o ancião de 60 anos, Carlos Quibata, é quem nos abre o portão. Logo a seguir, um grupo de crianças corre em direcção aos carros, para a saudação matinal: "bom dia senhora professora, bom dia senhora professora". É assim todos os dias, no Projecto Escola Mulenvos de Cima.

Sem que a professora mande, cada um dirige-se à respectiva sala. Ali, correm aos sacos arrumados e tiram o que mais lhes cria satisfação: os brinquedos. São bonecos, carrinhos, casas, blocos de montar, ilustrativos de alfabeto e número, só para citar alguns, fazem parte do leque de objectos que os meninos e meninas utilizam todos os dias. A metodologia é simples: aprender brincando com princípios.

Antes de qualquer actividade, as crianças brincam. "A metodologia não é minha, mais aprendi-a nas escolas em que passei. Aqui também temos colhido bons resultados. A criança precisa de ser criança. Precisa de brincar, sujar-se com tinta, pegar coisas diferentes, material diferente e, com isso, vamos criar e abrir a disposição para a introdução do método pedagógico de ensino", explicou a directora e uma das mentoras do projecto, Jeciana Silva dos Santos.

No Projecto Escola Mulenvos de Cima, as crianças entram as 7h00 da manhã, embora as aulas só tenham início as 9h00 até as 11h00. O programa começa sempre com a higiene, que é monitorado pelos assistentes sociais, que além de ajudarem na higienização das crianças arrumam as salas de aulas e auxiliam os professores. "Elas chegam, lavam as mãos com água e sabão, as que estejam sujas, tomam banho e só assim são dispensadas para os brinquedos", conta o monitor Osvaldo Fiel Pedro.

Uma hora depois, isto por volta das 8h00, as crianças são recolhidas da sala para o pátio, em caravana separada

de meninos e meninas, para a entoação do Hino Nacional. Enquanto isso, em cada uma das turmas, é escolhido um monitor (aluno) para ajudar na recolha dos brinquedos espalhados pela sala. O que aconteceu com Laurinda, a nossa figura do início da reportagem.

Após o hino, é escolhido um menino para a oração matinal. Nesse dia, embora muitos quisessem fazê-lo, a sorte recaiu para Josefa, uma menina de sete anos, também da iniciação. Depois da oração, são, novamente, recolhidos para as salas de aulas, mas desta vez para a refeição.

"Hoje vamos servir papa de fuba de milho amarela com leite", antecipou-se a directora. Acrescentou que a comida é confeccionada fora da escola, devido às condições do espaço.

São no total 90 crianças, que, todos os dias, antes das aulas, beneficiam de uma refeição. O cardápio varia em torno de leite, pão, arroz, batata, feijão, sopa, frango e peixe. "São refeições feitas em função da disponibilidade. Mas, nos sete dias da semana, as crianças têm uma refeição para ajudar-lhes a repor as energias", frisou.

Depois da refeição, os alunos e alunas caminham, em grupos de três, por sexo, e vão escovar os dentes. Os objectos de higiene bucal são guardados em garrafas individuais e identificadas por nome de cada um. Enquanto isso, Carlinhos, o "xodó" da escola, um menino de apenas três anos, luta para retirar a escova que é guardada defronte ao quadro. Só por volta das 9h00 as crianças começam as aulas.

ENSINO GRATUITO

O Projecto Escola Mulenvos de Cima está localizada na Baixa de Cassange, na rua do Tufula, em Viana. Criado há dois anos, a escola conta com 90 alunos e ministra da iniciação à 3ª classe. Conta com quatro professores, dois deles brasileiros, e três monitores. Apesar de ostentar a categoria de escola comparticipada, o espaço não cobra pelo ensino.

Jeciana Silva dos Santos, uma das monitoras e directora do Projecto, conta que, quando foi criado, no ano passado, as condições eram para que fosse comparticipada. Mas, devido à situação de cada família, viu-se que cobrar impediria o ingresso de muitas crianças.

"Com isso, criamos outra estratégia, que se adequasse a esta realidade. Juntamos pessoas no Brasil e em Angola, que nós ajudamos com o projecto", contou Jeciana Silva dos Santos, para quem a realidade das famílias da zona aponta para que o ensino seja gratuito.

A pedagoga disse que uma das suas funções, além de fazer com que a parte pedagógica da escola funcio-

na, é apoiar os professores e incentiva-los, bem como criar condições para que os jovens monitores aprendam a alfabetizar. "Neste momento, o que as pessoas precisam é ser letradas. O letramento é a capacidade que se tem de ler e dizer o que leu. Ler mais do que está na língua", disse.

A escola sobrevive de doações. "Temos uma verba de 25 a 30 mil por semana, que ajuda na alimentação das crianças. Recentemente, tivemos uma doação da Escola Criança Feliz, que nos está ajudar nos últimos dias. Qualquer apoio é sempre bem vindo", solicitou.

Além dos apoios particulares, a escola contou, no início do projecto, com a ajuda do Governo, em cadernos, lápis e borrachas. "Somos sustentado com uma verba vinda de algumas entidades, muitas das quais não conhecemos e nem devemos saber onde fica os Mulenvos", disse, a sorrir.

A também missionária disse que o plano criado em 2009, quando conheceu o bairro, era dar aulas até a 12ª classe.

CS



INCLUSÃO ENSINO GRATUITO

Jeciana Silva dos Santos, uma das monitoras e directora do Projecto, conta que, quando foi criado, no ano passado, as condições eram para que fosse comparticipada. Mas, devido à situação de cada família, viu-se que cobrar impediria o ingresso de muitas crianças ao processo de ensino.



MUNICÍPIO DE VIANA FALTA QUASE TUDO NA BAIXA DE CASSANGE

No bairro Baixa de Cassange, município de Viana, falta de tudo um pouco. Ali, não existem serviços básicos públicos; não há energia eléctrica, escolas e centro de saúde. As instituições do ensino geral são todas privadas ou comparticipadas.



CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO

PROJECTO Na Escola, as crianças são ocupadas o dia inteiro, a partir das 7H00

FAMÍLIAS INTEIRAS SEM REGISTO

Boa parte das crianças que estudam na Escola Mulenvos de Cima não possui cédula pessoal. Esta situação chega a abranger famílias inteiras, nas quais pais, mães e filhos não têm identificação.

Gelson, Leonel, Elizandro e Carlinhos são irmãos e frequentam o Projecto Escola dos Mulenvos de Cima. Nenhum deles possui cédula pessoal. Do último menino o nome é fictício. Ele tem apenas três anos e foi acolhido pela direcção da Escola Mulenvos de Cima, por questões de saúde.

Na mesma condição, estão os pais, Manuel Capassola, 42 anos, e Rita Pedro, de 27.

Manuel apenas teve cédula, mas nunca chegou a tratar o Bilhete de Identidade. Pedreiro de profissão, natural de Luanda, conta que perdeu a cédula e só agora foi possível, com ajuda da mesma escola, fazer um novo registo. "Neste momento estou à espera do assento de nascimento, para tratar o Bilhete e também registar às crianças", explicou. Rita Pedro vende fardo na Estalagem e diz-se sem meios para tratar um

novo assento de nascimento. Na escola Mulenvos de Cima estão inscritos noventa crianças e apenas sete possuem cédula pessoal. A situação está também a preocupar a direcção da escola, que diz ser urgente a criação de uma comissão para o registo de crianças e adultos na zona.

"Não são só as crianças ligadas ao projecto que se encontram nesta condição. Temos situações de até pais, senão mesmo famílias inteiras, sem qualquer documentação", reforçou.

CS

FALTAM SERVIÇOS BÁSICOS E MUITO MAIS

No bairro Baixa de Cassange, município de Viana, falta de tudo um pouco. Ali, não existem serviços básicos públicos. Falta energia eléctrica, escolas e saúde. As escolas do ensino geral são todas privadas ou comparticipadas, bem como os postos médicos. Em caso de situação grave, a população recorre ao Hospital Municipal do Capalanga, que dista cerca de dez quilómetros, ou ao Josina Machel, à baixa de Luanda.

Isaque Mendonça é morador do bairro há um ano. Conta que, há duas semanas, o filho, de um ano, quase morreu em casa, por falta de um hospital próximo. O menino, que ardia em febre, foi levado às pressas até ao Hospital Pediátrico David Bernardino, onde foi socorrido.

"Foi graças a Deus e a pronta intervenção dos médicos do Hospital Pediátrico que o meu filho não morreu. Era uma hora da manhã. Se não tivesse carro em casa também não sei o que seria da minha família hoje", conta o morador, bastante revoltado.

O morador apelou à necessidade urgente de se construírem postos e centros médicos mais próximo das comunidades. "Não é normal que num bairro como o nosso, com milhares de habitantes, não existam serviços básicos", disse.

José Vasconcelos, outro habitante, mostra-se também preocupado com a situação do bairro. Morador da rua Q11, disse que, apesar de pagar a uma empresa privada o fornecimento de energia eléctrica, "este bem precioso tem falhado muito, o que periga a zona. Uma outra preocupação tem a ver com a falta de escola. Se não existissem as escolas privadas, não sei o que seria das nossas crianças. Mas há famílias que não têm nem para comer, quanto mais para colocar os filhos na escola", lamentou.

José Vasconcelos defendeu a necessidade de criar uma Comissão de Moradores, que vele pelos populares. "Não é admissível que, para as nossas crianças serem registadas ou vacinadas tenha sempre de ser a direcção da Escola Mulenvos de Cima a olhar por elas. Onde anda a Comissão de Moradores? interrogou-se.

O MENINO XODÓ

Chama-se Carlos Casimiro ou simplesmente Carlinhos, o nome é fictício. Um menino de três anos de idade e o mais pequeno no grupo de noventa crianças que frequentam o Projecto Escola dos Mulenvos de Cima. Diferente de outras crianças, na sua maioria matriculadas, Carlinhos surgiu à porta da escola do nada. Foi em Março, lembra a professora, bastante emocionada.

Enquanto conversamos, o menino passeia pelas salas, com um brinquedo em mãos. Na altura, prossegue a professora, Carlinhos tinha uma aparência desnutrida. A idade não coadunava com o seu físico. "Procuramos pela família e descobrimos que Carlinhos só vivia com o pai. Tinha sido abandonado pela mãe, há já algum tempo", conta, triste.

Diante da situação, as professoras resolveram recorrer a um hospital, para diagnóstico. Nisto, foi detectado falta de peso, que provocou a fraca imunidade. Infecção generalizada no aparelho respiratório, afectando o rosto, nariz, boca, ouvidos e os olhos. Segundo a professora

Jociana, o quadro de Carlinhos só agravou porque não foi detectado o problema logo de início.

"Carlinhos foi submetido à tratamento à base de antibióticos, num período de dois meses, e mantém controladas as alergias, apesar de ainda precisar de cuidados com a poeira e o frio". A professora acrescentou que, neste momento, o menino precisa de ganhar peso. Quando foi encontrado, Carlinhos pesava oito quilos. Actualmente, está com 10. Segundo o médico, contou a professora, uma criança com a idade de Carlinhos deve ter, no mínimo, entre 15 e 20 quilos. Para manter o quadro nutricional de Carlinhos, as professoras de nacionalidade brasileira, devido à falta de condições dos pais e aos cuidados com o frio e a poeira, bem como a alimentação, resolveram viver com o menino.

VIAGEM AO BRASIL

O menino requintado, Carlinhos, ainda precisa de cuidados. Assim definiram os médicos que até ao momento o assistem. Para isso, as professoras juntam esforços para que o menino possa, ainda este ano, ser levado ao Brasil. "Ele precisa de um nutricionista porque não está a desenvolver", disse a professora.

A ida de Carlinhos ao Brasil, está dependente da documentação do pai e autorização da Sala de Família, no Instituto Nacional da Criança, onde recorreram. "Infelizmente nenhum membro da família de Carlinhos tem documentação. Na altura em que tratávamos toda a documentação, a progenitora de Carlinhos andava em parte incerta. Tivemos de recorrer a avó paterna e junto com o pai fomos ao Instituto Nacional da Criança e encaminhados para a Sala de Família, para conseguirmos o Passaporte e todos os documentos legais que facilite a sua ida ao Brasil", contou a professora bastante expectante na melhoria do menino.

CS



CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO

ACERTOS Casal busca reconciliação

"NÃO A POSSO AMARRAR COMO CÃO"

Manuel Capassola é o pai dos quatro meninos descritos na nossa reportagem, inclusive o requintado Carlinhos. No dia da visita à escola dos Mulenvos de Cima, resolvemos conhecer um pouco mais da família. Dirigi-nos a rua Q11, a poucos metros da referida escola, lá encontramos os progenitores dos quatro meninos. Neste dia, 14 de Novembro, além do senhor Manuel, encontramos também à Rita, a mãe que havia abandonado os filhos. A mulher de 27 anos de idade, está grávida do quinto filho, que tem previsão de nascer já em Dezembro.

A casa humilde de blocos, ainda está inacabada. Senhor Manuel, embora pedreiro, diz não ter recurso para concluir a mesma. "Não têm aparecido obras para fazer", lamenta.

Rita Pedro, a vendedora de fardos, interrogada sobre o paradeiro do pequeno Carlinhos, garante que está bem. "Ele está bem. São boas pessoas que Deus nos destinou", dizia a mulher, que agradece também os cuidados prestados a outras crianças do bairro.

Dê Rita, quisemos também saber do porquê tem saído regularmente de casa e abandonado os filhos. Sem papas respondeu: Saio para ficar nos meus familiares na Vidrul.

Diante da situação, o esposo Manuel, disse não ter muito o que fazer, porque ela é independente. "Não posso lhe amarrar como cão. Sempre que saio para trabalhar, no regresso, ela nunca está em casa", desabafou.

CS



JOSÉ SOARES | EDIÇÕES NOVEMBRO

ESTUDANTE Pequeno de três anos apareceu à porta da escola



PALÁCIO DE FERRO O LUGAR DA MUANBA

A primeira edição do Festival MUANBA, realizada no Palácio de Ferro, pôs em evidência o lugar que é devido a quem faz música ancestral, que, em muitos casos, é apenas utilizada quando da realização de grandes eventos ou nos aeroportos, para a recepção de figuras destacadas.



MÚSICA FOLCLÓRICA DEPENDE DO CONTEXTO

O folclórico depende do contexto e é muitas vezes inacessível às mudanças do tempo. É muito fechado e desconhece produções e arranjos. Vejamos o Nguami Maka... Tem um disco com suporte de guitarra... Hoje, as coisas são feitas com arranjos, o que elimina qualquer possibilidade de serem folclóricas.

JORGE MULUMBA

"A lata do Kabocomeu já deveria estar no Museu de Antropologia"

Matadi Makola

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Acusada, às vezes, de alimentar uma dose de "cinismo cultural" contra as suas raízes, na sua incontornável consolidação de metrópole, Luanda teve a oportunidade de atenuar a dicotomia passado e futuro, com o surgimento do festival MUAMBA (Música Ancestral Bantu), que evidenciou as várias facetas do tecido cultural que ostenta. Para saber um pouco mais a respeito, o Luanda, Jornal Metropolitano, foi ao encontro de Jorge Mulumba, coordenador do evento. O músico e pesquisador falou de

folclore e de ancestralidade, além de ter defendido a permanente valorização do nosso. Por isso, defende que, do que é em homenagem à criatividade dos artífices do imaginário luandense, a lata do histórico Kabocomeu já deveria estar no Museu de Antropologia, como símbolo do Carnaval de Luanda.

Porquê "ancestral bantu" e não tradicional bantu?

O termo ancestral remete-nos ao de mais antigo que possa existir sobre determinado povo, um pouco diferenciado do significado que o termo tradicional carrega. Mas a escolha reflectida resulta de um estudo que fomos desenvolvendo de um tempo





AVALIAÇÃO
KITUXI, SEMBA MUXIMA... NÃO SÃO FOLCLORES

"Kituxi, Semba Muxima e Kamba Dya Muenho ou Nguami Maka não fazem música folclórica. Esta realidade deixa evidenciar um certo estigma em relação à música ancestral e aos seus instrumentos, como é o caso da lata", diz Jorge Mulumba.



PERCURSO
DO GIRASSOL AO KITUXI

Jorge António Henriques ou apenas "Jorge Mulumba", 39 anos de idade, nasceu no Bairro Marçal. Começa, em 2000, no Trio "Girassol". Em 2012, funda o "Nguami Maka" e hoje mantém uma profícua colaboração com o grupo "Kituxi e Seus Acompanhantes".

a esta parte, cuja lógica nos fez perceber que a música que nós fazemos pode muito bem ser definida como ancestral, que é mais antigo, mas que pode ser feita em qualquer tempo.

Não viram no termo "ancestral" a possibilidade de fazer retornar as pessoas a um passado muito remoto?

Pode ser. Até porque muitos desconhecem o sentido etimológico da palavra ancestral e outros viram-se obrigados a aceitar algo muito antigo. Mas o que aconteceu nesta edição inaugural do "Festival Muanba", em Luanda, representa o resgate do passado, sem pensarmos que somos os primeiros. Digo não sermos os primeiros, porque pode já ter acontecido antes. Mas tentamos ao máximo aproximar a fidelidade dos tempos remotos. É uma viagem à ancestralidade, sustentado à base da memória. É natural que assuste um pouco algumas pessoas bastante acomodadas com o presente palpável. Até poderia ser pior...

E o que seria pior? O folclórico?

Penso que o pior seria taxar como folclórico. Muita gente discute o conceito como tal e o assunto se arrasta até hoje, em diversas plataformas internacionais. O folclórico depende do contexto e é muitas vezes inacessível às mudanças do tempo. É muito fechado e desconhece produções e arranjos. Vejamos o Nguami Maka... ele tem um disco com suporte de guitarra. O Kituxi faz igualmente Kutonocas, com a participação do pianista João Oliveira. Hoje, as coisas já são feitas com arranjos, o que elimina qualquer possibilidade de serem folclóricas.

Acha que o problema pode estar a ser gerado a partir de Luanda?

Luanda pode ter a sua quota parte da responsabilidade no assunto. Por exemplo, uma questão que acho complicadíssima é a confusão instalada com a música de Ary e Titica, intitulada "Pelo Menos 50". Mesmo com os problemas que giraram à sua volta, chegou a ganhar prémios no Top Rádio Luanda, "mascarada" com o rótulo de música folclórica. O mesmo caso aconteceu com a música "Papa Fugiu", que também venceu o "Top dos Mais Queridos", na categoria "desleal de folclore". Penso que, às vezes, essas questões de falta de disciplina etimológica baralham muito os luandenses. Aquilo não é folclore. Não pode ser folclore, desde que entre o uso da viola electrónica, a percussão e os arranjos. Sem grandes diferenças entre os primeiros, coloca-se também aqui a questão de Baló Januário, que representa um outro caso de erro crasso. O Baló faz música popular, para satisfazer as exigências da Música Popular Angola (MPA). Agora, temos é

de convir que ele não faz Semba, mas sim kilapanga e outros géneros de música provenientes do Bengo e Malanje. Faz-se muita confusão com o nome dos ritmos.

"Não é correcto aceitarmos que a música ancestral seja tida apenas para as recepções e a chamada música moderna para os palcos, se tivermos em conta a natureza cosmopolitana da cidade de Luanda."

Existe algum responsável por isso?

Não podemos apontar a culpa a uma pessoa. Eu acho que Luanda já congrega uma nata substancial de estudiosos da Sociologia, Antropologia, História, Jornalismo e outros ramos, que podem muito bem reavaliar esta questão. É ponto certo: Kituxi, Semba Muxima e Kamba Dya Muenho ou Nguami Maka não fazem música folclórica. Esta realidade deixa evidenciar um certo estigma em relação à música ancestral e aos seus instrumentos, como é o caso da lata, que é o instrumento mais representativo do carnaval de Luanda, o grande trunfo da originalidade sonora do mítico Kabocomeu. Aliás, isto para reposição da justiça e em homenagem à criatividade dos artífices do imaginário luandense, esta lata do histórico Kabocomeu já deveria estar no nosso Museu de Antropologia, como símbolo do Carnaval de Luanda.

O nome MUANBA... foi uma coincidência?

Sim! Mas, embora tenha sido uma coincidência, permitiu a analogia de vermos ou radiografarmos o sabor da música, ou seja, o típico prato musical espalhado por diversas partes de Luanda, que agora assume uma convergência necessária, a aludir o princípio de que somos bantu. E a ideia surgiu ainda no decurso da III Trienal de Luanda, quando abordei o assunto com o Fernando Alvim. Para surpresa minha, ele desenhou o projecto e indicou-me para a coordenação.

Como encontrou os grupos?

Não foi fácil. Fiz antes um aturado trabalho de pesquisa em diversas áreas de Luanda, com incidência em algumas zonas distantes do centro. Por exemplo, encontrei os "Dilangues de Ambaka", no bairro Dimuka, no Dis-

trito do Sambizanga; o "Makuma Mambu", no Golfe, e o "Jabakana", no Catinton... São grupos que, nos seus bairros, têm grande aceitação e popularidade, porque, apesar de estarem na contramão rítmica que domina a parada comercial luandense, pautam por uma música de alma, que retrata a vida em Luanda, com a zungueira a emergir como a grande heroína.

Quais as diferenças que podem se encontrar entre esses grupos?

O "Makuma Mambu" distingue-se por não usar o ngoma, que o substitui por um membrafone muito diferente, formado por duas latas e restos de pneu. Na sonoridade, ele chega às bases do pop, tanto que agendamos, para breve, um musical entre "Makuma Mambu" e "Nguami Maka". Já o "Jabakana", que tem um desenho musical igual a "Tunjila Tuajokota", tem as suas vantagens no facto de todos os elementos tocarem e cantarem simultaneamente.

Com a primeira edição do Muanba, sente realizado os seus objectivos?

A primeira edição do Festival MUANBA pôs em evidência o lugar que é devido a quem faz música ancestral, que, em muitos casos, é apenas utilizada quando da realização de grandes eventos ou nos aeroportos, para a recepção de figuras destacadas. Acho que se deve fazer muito mais. Nos anos 1980, quando o Semba perdia o espaço que granjeara cá em Luanda, a solução, para muitos, foi fazer o que caricatamente viemos a chamar de "Kituxadas", devido à forma permanente e persistente como esse grupo era exibido nestes eventos, como alternativa aos outros, que não conseguiam chegar aos palcos devido à falta de recursos para a compra de instrumentos musicais, cujos preços custavam os olhos da cara. Não é correcto conceber-se que a música ancestral seja de recepção e a chamada música moderna de palco, isso se tivermos em conta a própria natureza cosmopolitana da cidade de Luanda.

Como foi o festival em termos de adesão da massa juvenil?

Gostei do público. Principalmente, os concertos realizados à noite, quase todos com grande adesão da massa juvenil. A juventude esteve presente e foi uma plateia cantante. Penso que a juventude deve começar a assistir mais vezes a esse tipo de espectáculos, que representam para mim "os universitários da música". Este festival é também sugestivo, porque pode ajudar-nos a corrigir algumas práticas, muito comuns no mercado. Alguns tentam chegar ao estrelato, abusando de interpretações, às vezes mal conseguidas, de clássicos que já tenham conquistado o mercado. A maioria dos ele-

mentos dos grupos deste festival vive em condições muito precárias e só resistem porque a música está-lhes no sangue e não são pessoas que brincam com a música. São grupos que estão a precisar de muito apoio. Para citar só um exemplo, para a organização do festival, os grupos tiveram que pedir, emprestados, alguns dos instrumentos que não custam muito caro, feitos cá e com produtos da terra.

Falta-lhes promoção?

Esta é uma questão que precisa de ser bem esclarecida. Precisamos, primeiro, de saber quem são os produtores de eventos, os produtores e promotores musicais. Eu trabalhei cá, na Trienal de Luanda, com o João Vigário e vi o que de facto se pode chamar de produção musical. Falamos muito em produção musical, a que exige rios de dinheiro. Noutras realidades, por exemplo - e Luanda não deveria fugir à regra -, não tem cabimento a desvalorização dos técnicos de som. Isso apenas pode ser compreendido com a atenção que se dá ao cantor. É absurdo! Já presenciei produções de espectáculo muito promovidos pela televisão, em que os instrumentistas ganham menos do que as senhoras do protocolo. A filosofia de trabalho

que herdamos da experiência da Trienal de Luanda tem vindo a inverter um pouco o quadro. Ou seja, conseguimos um equilíbrio na produção.

Quais são os custos do Festival MUANBA?

Apesar de não ter uma noção exacta dos custos, penso que rondaram à volta dos quatro milhões de Kwanzas, para três dias de espectáculos. Mais do que os valores, penso que o mais importante é sermos honestos com a nossa cultura.

Temos ou não passagem de testemunho às novas gerações?

Hoje já se fala de aulas de instrumentos tradicionais no Instituto Superior de Artes (ISARTE). Mas é preciso mais. É necessário ir às escolas de base, para que os meninos conheçam esses instrumentos, tendo em conta que é de pequeno que se torce o pepino. Para isso, precisamos muito da ajuda da imprensa. Existem pessoas que conheceram estes grupos, através da televisão, em programas que são hoje preteridos por outros que consideram importante. Basta lembrar que este tipo de música era o que preenchia os intervalos nos tempos em que a televisão passava as sessões plenárias. Há estilo mais conveniente para tal? Bem... não creio.

MUANBA - MÚSICA ANCESTRAL BANTU

"Ngola", "Axiluanda", "Bengo" e "Kwanza" são os nomes atribuídos aos palcos do Palácio de Ferro, à baixa de Luanda, que, durante três dias, isto é, sexta-feira, 10, sábado, 11 e domingo, 12, acolheram as mais de duas dezenas de espectáculos, daquele que foi considerado o festival de música ancestral.

Os espectáculos, sob a égide da Fundação Sindika Dokolo, tiveram lugar das 14 às 21 horas, numa coordenação artística de Jorge Mulumba, fazedor de cultura e pesquisador, a tempo inteiro, do cancionário ancestral Bantu.

Jorge Mulumba é também considerado uma das vozes juvenis que vai dando bom uso do testemunho que recebe directamente de grandes mestres, como Kituxi, Tolingas, Morgado e muitos outros, que dão cartas quando o assunto é música e percussão nacionais.

À música, o Festival MUANBA aliou a dança dos Novatos da Ilha, que reproduziram, com grande esplendor, a umbigada da massamba e o garbo da rebita; a capoeira do Abadá Luanda e uma exposição sobre fabrico artesanal de instrumentos musicais.



APRENDIZADO
A PERMANÊNCIA EM CUBA
E AS AULAS DE PIANO E VOZ

"Aos 4 anos, fui para Cuba viver. Naquela altura, comecei a criar uma maior aproximação com a música. Tive aulas de piano e de voz, assim como participei em peças de teatro". Anos depois, já no ensino secundário, aprofundou os seus conhecimentos sobre música.



SUCESSO
GOSTO PELA MÚSICA
VIROU PROFISSÃO

Agosto de 2012 foi uma data marcante para Nsoki. Colocou no mercado o seu primeiro single, "Meu Anjo", embora sem a pretensão de se tornar uma cantora de renome. O mercado recebeu-a bem. O gosto pela música passou a carreira profissional.

CARREIRA

CEDIDA PELA ARTISTA

Nsoki, um anjo na música jovem de Angola

A cantora faz uma carreira de sucesso, desde o seu álbum de estreia, "Meu Anjo", em 2012





INTERNACIONAL RECONHECIMENTO

Nsoki Neto confessou que tem enormes desafios, em especial a nível internacional. "Ser reconhecida internacionalmente tem sido fascinante. É como se estivesse começado de novo. Claro que existem muitos obstáculos, mas estou disposta a trabalhar para chegar mais longe", frisou a autora do sucesso "Meu Anjo".



METAS DAR VAZÃO À PAIXÃO E MARCAR GERAÇÕES

Depois de se apaixonar pela música e chegar onde está, Nsoki promete, enquanto tiver forças, dar vazão à sua paixão e apresentar trabalhos com qualidade suficiente para marcar gerações. Cantora diz-se em ascensão, à escala internacional

Manuela Mateus

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Nsoki Neto, uma das cantoras mais aplaudidas da actualidade, dá a sua voz a vários estilos musicais. Zouk, Kizomba, R&B e soul são os géneros escolhidos para mostrar o seu talento. Pela beleza e harmonia das suas canções, ela conseguiu conquistar fãs em Angola e no estrangeiro.

Agosto de 2012 foi uma data marcante para Nsoki, porque colocou no mercado o seu primeiro single, "Meu Anjo", embora sem a pretensão de se tornar uma cantora de renome. O mercado recebeu-a bem. Aquilo que era apenas "gosto pela música" serviu de inspiração para uma carreira profissional.

Nsoki contou ao Luanda, Jornal Metropolitano, que a sua relação com a música começou muito cedo. Os primeiros passos foram marcados por um fascínio pela arte.

"Aos 4 anos, fui para Cuba viver. Naquela altura, comecei a criar uma maior aproximação com a música. Tive aulas de piano e de voz, assim como participei em peças de teatro", conta. Anos depois, já no ensino secundário, aprofundou os seus conhecimentos sobre música e o interesse foi se desenvolvendo de forma mais acentuada. O canto lírico foi a sua "musa inspiradora". Ela cantou em grupos corais.

Depois de se apaixonar pela música e chegar onde está, Nsoki promete, enquanto tiver forças, dar vazão à sua paixão e apresentar trabalhos com qualidade suficiente para marcar gerações.

Nsoki Neto confessou que tem enormes desafios, em especial a nível internacional. "Ser reconhecida internacionalmente tem sido fascinante. É como se estivesse começado de novo. Claro que existem muitos obstáculos, mas estou disposta a trabalhar para chegar mais longe", frisou.

A cantora entende que a música africana, no mercado internacional, é liderada, maioritariamente, pelos nigerianos e sul-africanos. "Os especialistas não prestam muita atenção às músicas em português. Não é que não oiçam, podem fazê-lo, mas é pouco provável", lamentou Nsoki.

A artista que, hoje, se considera uma cantora em ascensão na zona internacional, acredita que, em parte, isto é devido ao êxito do projecto "Africa United". "Porém, ainda sou vista como uma novata. Todo o trabalho que fiz ao longo destes anos de carreira para eles é inexistente", declarou.

Apesar desta sua visão, Nsoki reconhece que, nestes cinco anos da sua carreira, viveu muitos momentos especiais que, associados ao carinho dos fãs e aos prémios conquistados, ajudaram-na a continuar a carreira.

"Um dos momentos mais marcantes foi o meu primeiro espectáculo, no

Cine Atlântico, em Abril de 2014. Apareceram seis mil pessoas. Tinha apenas um ano de carreira. Foi um marco importante. Deu-me muita visibilidade como artista" reconheceu.

Não satisfeita com o que já alcançou, Nsoki pensa agora em trabalhar mais para conquistar o Mundo. "Prefiro não fantasiar muito. Não gosto de criar metas irreais", disse. Porém, entre os desafios e prioridades da sua carreira destaca a gravação do terceiro CD que, segundo a cantora, está a ser preparado de maneira diferente.

"Não será apenas para os fãs nacionais, mas também para encantar os de outros países. Espero alcançar o mesmo sucesso", almejou.

Para a produção deste terceiro CD, Nsoki Neto descreve-se como uma cantora que adoptou nova forma de pensar na música. "Hoje, não canto só para os angolanos. Por isso, é preciso estar pronta para aceitar e vencer este desafio. A escolha das músicas está a ser difícil. Pretendo, inclusive, contactar outros produtores, para apresentar um disco único", esclareceu.

Com os seus admiradores a cantora garante que tem uma boa relação. "Conto com o apoio de muitos. Tenho muitos seguidores nas redes sócias, recebo milhares de mensagens e vários comentários. Todos construtivos. Sei o que pensam de mim e quais as músicas que mais gostam de ouvir", disse Nsoki, que atribuiu todo seu sucesso a interacção com todos os fãs."

RECONHECIMENTO E PRÉMIOS

Este ano, Nsoki recebeu um troféu de mérito e reconhecimento da organização do Top dos Mais Queridos, da Rádio Nacional de Angola. Venceu a categoria de "Artista Revelação" e "Melhor Artista da África Central", no festival África Magazine Music Awards" (Afrimma), realizado nos Estados Unidos.

Nos PALOP, N'soki ganhou também os prémios de "Artista Revelação", "Melhor Single Feminino" e Artista feminina" dos PALOP.

Nsoki Neto foi, nos Estados Unidos, agraciada com certificados de mérito pelo seu trabalho. Pela participação no projecto "Africa United", a favor da união entre os africanos, o Congresso norte-americano atribuiu-lhe um diploma de mérito.

"Sou de origem Bakongo. O meu pai é natural do Zaire e a mãe de Luanda. Nunca tive laços com Cabo Verde. Gosto daquele país..."

"SOU DE ORIGEM BAKONGO"

Nsoki Neto é cantora e empresária. Casada e mãe de duas meninas, de 5 e 2 anos, Formou-se em Gestão e Finanças, nos EUA. Os anos no mundo artístico deram-lhe muita experiência. Confessou que hoje consegue conciliar a música com a família. Ela divide o seu tempo entre ensaios musicais, ginástica e momentos com a família.

De volta ao passado Nsoki sorri, ao lembrar-se de que, quando apareceu nos palcos, as pessoas acharem que era uma cantora cabo-verdiana. "Talvez porque a música era em crioulo", acre-

dita, embora tenha consciência de que muitos desconhecem que foi apenas uma oportunidade de trabalho com o produtor e cantor Johnny Ramos.

Nsoki Neto desmistificou a origem cabo-verdiana. "Sou de origem Bakongo. O meu pai é natural do Zaire e a mãe de Luanda. Nunca tive laços com Cabo Verde. Gosto daquele país e dos seus cantores, mas continuo a amar Angola. Venho de duas culturas; de um país com um vasto mosaico cultural. Por isso, continuo a gostar de uma boa muamba de jinguba." **MM**



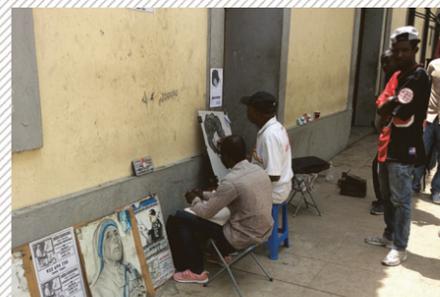
PERFEIÇÃO NADA ÀS PRESSAS

"Não faço nada às pressas. Dou mais valor ao meu trabalho e a calma é o segredo, se quisermos ter um retrato bem feito, para o cliente ficar satisfeito", disse. O desenhador também vive altos e baixos. Afinal, há dias em que falta trabalho.



RETRATOS TRABALHO E LAZER

Na Mutamba, Pop Color, com o lápis de carvão nas mãos, reproduz uma foto, durante quatro horas. O Custo é de 10 mil Kwanzas para cada. Com a arte de desenhar retratos nas suas mãos, João Ferreira ganha a vida, sustentar a família e se diverte.



POP COLOR

EDIÇÕES NOVEMBRO

Um retratista na baixa de Luanda

Pop Color reproduz retratos, sentado no espaço que elegeu como "atelier", na avenida I Congresso do MPLA



João Pedro
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

A habilidade de transformar fotografias em obras de arte na rua é o trabalho que tem sido feito por João Ferreira, ou Pop Color, como é conhecido, artista retratista angolano, que instalou a sua "sede" na baixa de Luanda. Admirado pelos transeuntes que o observam a pintar na rua do 1º Congresso do MPLA, o "criador" já se tornou conhecido na zona da Mutamba.

A pintar desde a infância, João Ferreira diz que nunca desenvolveu outra actividade, até hoje. Deixou a sua terra natal, na província do Uíge, e veio a Luanda para aumentar os conhecimentos técnicos. Nunca frequentou uma escola de arte, porque diz ter um dom que lhe foi dado por Deus.

"De regresso a Angola, seis meses depois, começou a exercer a mesma actividade, numa das ruas mais movimentadas da capital, a zona do Kinaxixi, com lápis e carvão sobre o papel."

Pop Color viveu em Portugal, por mais de vinte anos, e sustentou-se da arte de desenhar retratos pelas ruas de Lisboa, a capital portuguesa. De regresso a Angola, seis meses depois, começou a exercer a mesma actividade, numa das ruas mais movimentadas da capital, a zona do Kinaxixi, com lápis e carvão sobre o papel. Diz-se revolucionário do novo estilo, a técnica guardanapo.

Na Mutamba, Pop Color, com o lápis de carvão nas mãos, reproduz, a lápis, uma foto, durante quatro horas. O Custo é de 10 mil Kwanzas por cada uma.

"Não faço nada às pressas. Dou mais valor ao meu trabalho e a calma é o segredo, se quisermos ter um retrato bem feito, para o cliente ficar satisfeito", disse. O desenhador também vive altos e baixos. Afinal, há semanas em que tem muito trabalho, mas, noutras, nem tanto. "Depende tudo de os clientes que aparecem", justifica.

Com a arte de desenhar retratos, João Ferreira ganha a vida para sustentar a família. O artista plástico procura ajuda para criar um atelier, onde possa ajudar os mais jovens a aprenderem a arte de desenhar retratos.

**O NOSSO LEITINHO TEM
TODOS OS SEGREDOS PARA NÓS
CRESCERMOS SAUDÁVEIS**



OPORTUNIDADE EMPREGO JOVEM

Mais de 20 trabalhadores, na sua maioria jovens angolanos, participam da reabilitação do troço da Ngola Kiluanji, que vai ter duas faixas de rodagem, de 3,5 metros de largura em cada sentido, e passeios de 2,5 metros de largura cada.



ESCOAMENTO VALAS E TUBAGENS

Os trabalhos consistem na substituição e construção de valas de drenagem e tubagens para água, instalação de postos de iluminação pública e construção de valas de drenagem pluvial e residual. As obras cobrem 523 metros de extensão.



REQUALIFICAÇÃO

EDIÇÕES NOVEMBRO

Fula Martins

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

A reabilitação do troço entre as “Bomba de Combustível da Sonangol, junto ao Cital de Base, e a passagem de nível da Companhia de Plástico de Angola Limitada (Cipal), na Avenida Ngola Kiluanje, nos Distritos Urbanos do Rangel e Sambizanga, decorre há um mês, estando a circulação na área condicionada.

Os sentidos descendentes (São Paulo) e ascendente (Hoji-ya-Henda) do trânsito são feitos em apenas uma faixa de rodagem, o que provoca longas filas de viaturas. Este constrangimento tem, entretanto, os dia contados, de acordo com a empreiteira.

A cargo da empresa chinesa CTCE, as obras enquadram-se no âmbito da melhoria da circulação rodoviária na referida via, com 523 metros de extensão. Os trabalhos consistem na substituição e construção de valas de drenagem e tubagens para água, instalação de postos de iluminação pública e construção de valas de drenagem pluvial e residual.

Depois de reaberta ao trânsito, a avenida vai ter ainda novos lancis, colectores, passeios, placas de sinalização horizontal e vertical e espaço para estacionamento de viaturas.

Mais de 20 trabalhadores, na sua maioria jovens angolanos, participam da reabilitação do troço, que vai ter duas faixas de rodagem, de 3,5 metros de largura em cada sentido e passeios de 2,5 metros de largura cada.

A avenida Ngola Kiluanje é considerada uma das mais movimentadas de Luanda. Dá acesso à zona baixa da cidade, como São Paulo, Kinaxixi, Mutamba e Porto Comercial e à zona Industrial do Cazenga, às ruas 12 de Julho, Brigada e Senado da Câmara.

O engenheiro de obras Jone Jun explicou que a substituição dos tubos de drenagem e a aplicação de novo asfalto vão melhorar a circulação automóvel e reduzir os frequentes engarrafamentos que se registam na estrada Ngola Kiluanje.

AUTOMOBILISTAS

Automobilistas acreditam que melhores dias virão para a circulação nas imediações, devido à reabilitação da avenida Ngola Kiluanje, há muito tempo em estado de degradação.

Gabriel Samuel admite que, apesar das obras estarem ainda na fase de substituição da antiga para a nova tubagem, a circulação vai mesmo melhorar, consideravelmente.

“Os trabalhos de recuperação das ruas ainda não foram concluídos. Por isso, a circulação automóvel é feita de forma condicionada. Mas vai melhorar”, disse, crente.

Para Marços Oliveira, o péssimo estado em que se encontrava a estrada já não permitia uma circulação automóvel perfeita.

Obras vão mudar Avenida Ngola Kiluanji

As obras enquadram-se na melhoria da circulação rodoviária na referida via, com 523 metros de extensão. Os trabalhos consistem na substituição e construção de valas de drenagem e tubagens para água, instalação de postos de iluminação pública e construção de valas de drenagem pluvial e residual



**VAI-E-DEM
CIRCULAÇÃO INTENSA
DE VIATURAS**

Na rua do Iraque, bem cedo, ao alvorecer, um movimento incessante de viaturas toma a estrada, quebrando o silêncio. Ao volante dos veículos, estão homens e mulheres, a tentar chegar primeiro ao destino.



**“QUEBRA MOLAS”
É UM TRAJECTO FEITO
AOS SOLAVANCOS**

Sem se tratar, precisamente, de buracos, a verdade é que a via está hoje transformada num verdadeiro “quebra molas”. É um trajecto feito aos solavancos, com os riscos para a saúde e viaturas.

ESTRADAS

Rua do Iraque, uma alternativa saturada

À luz das condições actuais da via, dias piores podem ser esperados por automobilistas, com as chuvas a se fazerem sentir

António Pimenta
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.a

Quatro horas da manhã, bairro do Camama e cercanias, município de Talatona. Em muitas residências, senão em todas, as famílias terminam arranjos para se porem à estrada. É assim todos os dias, especialmente, para aqueles que residem onde alguém cognominou “periferia”. Os bairros do Zango, Kilamba, Camama ou Jardim do Éden representam apenas alguns, entre muitos outros, que foram surgindo ao redor da nossa capital, sem contar com os condomínios, que, bem no centro daqueles, emergem como se de autênticas ilhas se tratassem.

Já fora de casa, é inevitável observar que os esquemas arquitectónicos dos condomínios transcendem, em importância e imponência, as habitações dos bairros da periferia. O Atrium, o Austin e o Jardim de Rosas represen-

tam apenas algum dos exemplos, para já não falar dos que se encontram em construção, ao que parece, sem grandes entraves pela frente, numa verdadeira afronta à crise financeira que grassa no País.

Um pouco mais adiante, outros bairros ou apenas áreas residenciais foram surgindo, sem qualquer ordenamento arquitectónico. Conta-se que a intenção de estender novas urbanizações a estas zonas teria, supostamente, dado lugar a descentamentos entre agentes da ordem e moradores. Por força destes incidentes, o bairro ficou notabilizado com o nome de Iraque, o mesmo que foi atribuído à rua que passa bem no centro desta zona, dividindo-a em duas.

Portanto, é nos acessos de casa para o serviço e vice-versa que todos se cruzam, para disputar, nem sempre em igualdade de condições, um mesmo trajecto, um mesmo espaço. Ali, na rua do Iraque, bem cedo, ao alvorecer, um movimento incessante de viaturas toma a

estrada, quebrando o silêncio. Ao volante dos veículos, estão homens e mulheres, a tentar, cada um a seu jeito, chegar primeiro ao destino.

A zona, de dia, é movimentada. Mas, àquela hora tão matutina, quase não se vêem pedestres. O trânsito automóvel é feito, geralmente, em sentido único, em direcção à baixa de Luanda. Afinal, é, actualmente, das poucas estradas que, com maior fluidez, assegura as ligações com os principais eixos que vão dar ao centro da cidade, passando pelo Nova Vida.

Já por ela mesma importante, a rua ganhou particular relevância com a construção, em curso, dos viadutos na estrada do Camama, que cruza o cemitério com o mesmo nome. A situação conferiu ao Iraque o “estatuto” de via alternativa, o que obrigou a que, antes, beneficiasse de uma terraplanagem, que, entretanto, se revelou “sol de pouca dura”. Em menos de dois meses, a rua encontrava-se, novamente, em estado avançado de degradação.

SAMY MATIAS | EDIÇÕES NOVEMBRO



MOVIMENTO De dia, a zona é movimentada. Mas àquela hora tão matutina quase não se vêem pedestres.

VIAGEM AOS SOLAVANCOS

Sem se tratar precisamente de buracos a verdade é que a via está hoje transformada num verdadeiro “quebra molas”. É um trajecto feito aos solavancos. Os riscos são para a saúde e para o tempo útil das viaturas. Um percurso que podia ser vencido em cinco minutos é coberto em quinze.

“É uma verdadeira quebra molas a todo terreno”, reclama um condutor. Acrescenta que as promessas feitas por altura do início da requalificação ainda estão por cumprir.

“Eles prometeram que trabalho de manutenção seriam realizados com uma certa regularidade, para manter a via em perfeitas condições de utilização. Mas, o que acontece na prática, é precisamente o contrário. A rua vai se degradando a cada dia”, desabafou um morador das imediações.

Mais do que simples alternativa, a rua tem tudo para ganhar dimensão maior. Ao invés, a evolução desenvolvida nos espaços habitacionais vão retirando território que podia servir para alargar a estrada.

O alinhamento virtual (não há marcos à volta) que existia tornou-se disforme, com zonas maiores que as outras, ao longo da rua. Como que a institucionalizar estas falhas, a Empresa de Distribuição de Energia de Luanda (ENDE) está a instalar, no Iraque, os postos para transformação, seguindo o mesmo traçado.

NEGÓCIOS PELO MEIO

Quando se fala do Iraque, da rua, pode se pensar, à primeira vista, numa mera referência ao trânsito caótico de viaturas. Na verdade, a via é algo mais do isso; é também um “mundo de negócios”, onde tudo se vende e tudo se pode comprar. É um mercado alternativo, a céu aberto, para quem mora no Camama, Jardim do Éden e espaços circundantes. Também o é para condutores.

“Quem construiu os novos bairros esqueceu-se dos serviços sociais. Como consequência disso,

somos forçadas a recorrer aos mercados alternativos, como o do Iraque, onde as condições de comercialização não oferecem qualquer tipo de segurança para a saúde humana”, desabafou Maria Domingos, residente do Projecto BPC.

Cerca de três bombas contentorizadas estão instaladas no bairro do Iraque, numa iniciativa levada a cabo por agentes privados, nacionais e estrangeiros, que optaram pela instalação do negócio na zona, impulsionados pela grande procura de derivados de petróleo.

O negócio de fardos, que agora faz a moda em quase todos os bairros de Luanda, é abundante. Há roupa usada para todos os gostos e feitios. Dos bens corriqueiros convém não falar. Saem dos alimentos às bebidas e são procurados por quem não tem outra escolha. Entre condomínios de luxo e habitações toscas, faltou a aposta no mercado formal.

SEGURANÇA PÚBLICA

Não se sabe mesmo porquê; se para manter a ordem ou para extorquir. Mas a verdade é que os homens da ordem interna têm uma presença regular no Iraque, Jardim do Éden e no Projecto BPC. Mas, preferencialmente, se ocupam da interceptação de viaturas. Na maior parte dos casos, segundo constatou o jornal Luanda Metropolitano, eles operam sem os números de identificação, como de resto, era suposto ser.

“Em vez de preservarem a ordem na zona, esses agentes da ordem pública parecem juntar o útil ao agradável. Simulam manter a ordem ao mesmo tempo que vão extorquindo valores aos mais desatentos”, desabou Norberto dos Santos.

Assiste-se actualmente a uma vandalização paulatina e a olho nú, dos postos e cabines de energia que abastecem a zona, deixando-a totalmente as escuras 0020, urgindo pois que se faça alguma coisa para se inverter o actual estado das coisas.



FERNANDO BINGE NORMAS FORAM VIOLADAS

"Existem indivíduos que violaram o objecto pelo qual foram cedidos os terrenos e as licenças de construção e que passaram a construir casas para vender. Quando começámos a receber as denúncias, iniciámos as demolições", esclareceu Fernando Binge.



DISTRITO ZONA EM EXPANSÃO

O Distrito Urbano do Zango, no Município de Viana, é uma zona em expansão territorial, que recebe, todos os dias, moradores vindos de áreas de risco de diferentes pontos da província. O distrito está constituído pelos Zangos I, II, III e IV.

ZANGO (VIANA)

Moradores acusam Administração de ocupação ilegal de terrenos

De acordo com as acusações, as residências erguidas nos referidos espaços estão a ser comercializadas ao preço de quatro milhões de Kwanzas.

PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO



DIFICULDADES Moradores do Zango queixam-se da falta de serviços e de instituições escolares e hospitalares

Fula Martins

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Moradores do Distrito Urbano do Zango acusam funcionários afectos à Administração Municipal de Viana de estarem a ocupar e a construir residências e lojas em terrenos reservados para infra-estruturas sociais. A instituição confirma as denúncias e aponta o dedo à antiga gestão, que concedeu várias licenças de construção, em desobediência às normas exigidas por lei.

As casas erguidas nesses terrenos estão a ser comercializadas ao preço de quatro milhões de Kwanzas. Os espaços agora vendidos, afirmam os moradores, estão reservados à implementação do Programa Provincial de Habitação Social (PPHS).

A rede de envolvidos no negócio, segundo as denúncias, é constituída por responsáveis da administração do Município e pessoas ligadas a empreitei-

ras, além de indivíduos singulares, todos eles identificados pelo nome.

Os denunciantes garantem que os citados indivíduos actuam sob as ordens da administração, que, entretanto, acusam de "fazer ouvidos de mercador" às reivindicações. As pessoas em causa, dizem os moradores dos Zangos, apresentam licenças de construção assinadas por Jeremias Dumbo, o Administrador Municipal, para justificar a legalidade dos lotes de terreno que ocupam. Estes espaços estavam, inicialmente, reservados para a construção de habitações sociais, escolas, creches, postos médicos, esquadras policiais e hospitais.

A título de exemplo, os moradores apontam o terreno junto à biblioteca do Zango, mais conhecida por "Casa Amarela". No espaço, segundo a acusação, que foi usurpado pelas mesmas pessoas, estão a ser construídas várias lojas, cujos proprietários são funcionários da Administração Municipal de Viana. Esta, por sua vez, está a arrendá-las a

100 mil Kwanzas ao mês. "Hoje, a "Casa Amarela" perdeu a sua essência bibliotecária. Exigimos que estas lojas sejam demolidas", defende um morador, que não quis identificar-se.

O governador da província de Luanda, Adriano Mendes de Carvalho, ordenou, recentemente, a Administração de Viana a fazer a demolição de todas as casas construídas nesses locais, depois de um órgão de informação ter também denunciado o caso. "Já enviamos várias cartas ao administrador municipal, para esclarecer a situação, mas, até hoje, não obtivemos qualquer resposta", queixa-se outro munícipe.

Os moradores pedem a intervenção do Governo da Província de Luanda, para onde encaminharam, igualmente, várias denúncias sobre a situação. De acordo ainda com as queixas, a administração do distrito Urbano do Zango nada pode fazer, porque, sempre que tenta embargar as obras ilegais, é desautorizada pela Administração Municipal.

ADMINISTRAÇÃO ADMITE IRREGULARIDADES

Administração de Viana, na pessoa do administrador-adjunto para a área Técnica, Infra-Estruturas e Serviços Comunitários, Fernando Binge, reconhece a existência de ocupações ilegais de espaços destinados à construção de equipamentos sociais.

De acordo com o responsável, desde Dezembro do ano passado, altura em que a Administração de Viana assumiu a gestão dos Zangos, descobriu-se que a antiga gestão cedeu terrenos e licenças de construção a várias individualidades, para a construção de equipamentos sociais. Mas estes desobedeceram às normas exigidas por lei e construíram casas para venda.

"Existem indivíduos que violaram o objecto pelo qual foram cedidos os terrenos e as licenças de construção e que passaram a construir casas para vender. Quando começámos a receber as denúncias, iniciámos as demolições", disse Fernando Binge. Acrescentou que, face à situação, foram tomadas medidas direccionadas para a demolição de várias residências.

Quanto ao grupo de pessoas que se dedica à

ocupação dos espaços, o administrador adjunto de Viana disse que conhece alguns integrantes, além de funcionários da administração citados. Porém, a instituição carece de prova do seu alegado envolvimento.

OBRAS JUNTO À "CASA AMARELA"

O servidor público esclareceu que as obras junto à chamada "Casa Amarela" são da responsabilidade da Administração de Viana.

"Trata-se de uma cadeia de lojas que será atribuída aos jovens que vendem nas ruas. Eles mesmos cuidarão da gestão", justificou.

Fernando Binge disse que a construção das referidas lojas é uma parceria pública-privada. "O empresário constrói, gere uma parte e as restantes ficam sob a gestão do estado, que as entrega a pessoas singulares, por via do concurso público".

Entretanto, os preços para o aluguer das lojas ainda não foi estipulado, de acordo com o responsável, porque as obras ainda estão por concluir. "Por isso, é normal que exista especulação", disse.

EDIÇÕES NOVEMBRO



ÁREA TÉCNICA Administrador Fernando Binge



*Mantenha a sua cidade limpa
num ambiente saudável... Sem lixo*



Nova Ambiental, LDA
Rua da Ponte Partida s/n
Mulevos Viana - Luanda/Angola



FLÁVIO CASSUA EXISTE A POSSIBILIDADE DE AJUDA ÀS VENDEDORAS

"Fomos avisados que existe a possibilidade de as vendedoras que perderam os seus recursos poderem receber um crédito. A administração foi solicitada para ser o avalista de todas as vendedoras do mercado", disse.



ALBERTINA ANTÓNIO NÃO LEVAMOS DINHEIRO POR CAUSA DOS ASSALTOS

"Não podemos sair daqui com dinheiro em mão, porque podemos sofrer assaltos no caminho para casa. Esperamos por uma resposta satisfatória, no sentido de recebermos ajuda", disse Albertina António

INCÊNDIO

ROGÉRIO TUTTI | EDIÇÕES NOVEMBRO



E tudo o fogo consumiu...

Incêndio destruiu quatro contentores e deixou vendedoras do mercado do Kicolo em situação difícil

João Pedro

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Naquela quarta-feira, 22, o semblante das vendedoras era de tristeza, sentadas fora da administração do Mercado do Kicolo, à espera de uma resposta que viria da reunião que se realizava no interior. O encontro era da Comissão Multisectorial, integrada pelo Governo Provincial, Serviço de Investigação Criminal (SIC), Comercio, Serviço de Protecção Civil e Bombeiros, criada pelo Governador de Luanda, Adriano Mendes de Carvalho, para averiguar as causas do incêndio que destruiu quatro contentores de produtos diversos, quatro dias antes.

Houve quem perdeu todo o negócio e dinheiro. Para estas, a tristeza era ainda maior. Muitas até já nem falavam. Simplesmente, olhavam e eram

consolidadas pelas companheiras, que também esperavam, do Governo de Luanda, uma saída que as ajudasse a recomeçar a vida. O incêndio causou vários danos materiais. Dos quatro contentores, um tinha perfumes e os outros eram utilizados como "casa de processo", ou seja, espaço onde as vendedoras guardavam o negócio e até dinheiro resultante das vendas do dia.

O acidente aconteceu sábado, dia 18, por volta das 16.30H, altura em que as actividades do mercado estão encerradas e são realizados apenas serviços administrativos. A intervenção de quatro unidades do Serviço de Protecção Civil e Bombeiros acudiu à situação, completamente controlada por volta das 20 horas, com a recuperação de algumas mercadorias.

De acordo com peritos do Serviço de Bombeiros, citado por Flávio Cassua, porta-voz do mercado, presume-se que as causas do incêndio sejam fo-

go posto, a mesma possibilidade com a qual trabalham os Serviço de Investigação Criminal. Durante a visita ao mercado, dois dias depois do incidente, o governador de Luanda, Adriano Mendes de Carvalho, orientou que se encontrasse um meio-termo para ajudar as famílias que perderam o sustento. Solicitou, igualmente, a criação de condições para a iluminação pública do mercado, montagem de câmaras de vídeo-vigilância, criação de dependências bancárias e o cadastramento dos vendedores.

"Na reunião de hoje, fomos avisados que existe a possibilidade de as vendedoras que perderam os seus recursos poderem receber um crédito. A administração foi solicitada para ser o avalista de todas as vendedoras do mercado", disse Flávio Cassua.

A comissão multisectorial recebeu um prazo de 15 dias para encontrar soluções para ajudar as pessoas que per-

"Tivemos uma enorme perda com este incêndio"

deram os seus haveres. Depois do incêndio, foram cadastradas 225 pessoas que perderam as mercadorias. Deste número, 125 conseguiram reaver os bens e foi ainda recuperada uma quantia em dinheiro no valor de 972 mil kwanzas e de 1.950 dólares.

Os produtos destruídos pelo fogo são diversos, desde cabelo humano, roupa, utensílios domésticos a produtos de beleza, comercializados por senhoras empreendedoras. Algumas des-

sas mulheres recebem produtos, a consignação, das mãos de importadores de mercadorias. Albertina António, que se dedica à venda que cabelo humano, disse que teve um enorme prejuízo. Triste pela situação, diz que os contentores eram utilizados como cofre e para guardar mercadorias.

"Não podemos sair daqui com dinheiro em mão, porque podemos sofrer assaltos no caminho para casa. Esperamos por uma resposta satisfatória, no sentido de recebermos ajuda. Tivemos uma enorme perda com este incêndio", disse Albertina António.

O prejuízo total causado pelo incêndio ainda não foi avaliado.



**PAULA DAMIÃO
SÓ CABELO ORIGINAL**

"Só vendemos cabelos originais. Às vezes, encontra-se mais barato, mas há grande probabilidade de ser falso", disse Paula Damião. Cabeleireira de profissão, disse que, em média, uma pessoa pode gastar até 50 mil kwanzas para mudar a aparência.



**MARIA CLÁUDIA
NOVE ANOS DE ARTE**

Maria Cláudia trabalha há mais de nove anos como cabeleireira no mercado. Explica que, em média, um aplique de cabelo leva duas horas. A variação depende do tipo e da quantidade de cabelo. O gosto das mulheres varia, oscilando para o cabelo liso, ondulado ou cacheado.

BELEZA

Mercado do Kicolo, o salão do cabelo postiço

Num ambiente agitado e de muita gritaria, corre a venda de cabelo postiço, humano ou fibra.

João Pedro

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Dariamente, ao mercado do Kicolo, em Luanda, afluem inúmeros clientes, principalmente, na secção de produtos de beleza, com destaque para o designado cabelo humano ou brasileiro. Outros negócios, tais como bens alimentares, roupas, bens agrícolas ou materiais de construção também prosperam.

Todas as manhãs, chegam ao mercado produtos provenientes de vários pontos do país, como tomate, repolho, batata-doce e rena, abóbora, inhame, cebola e mandioca. Os hortícolas saem da Funda e arredores e são vendidos pelos próprios agricultores e, em alguns casos, a grosso às quitandeiras, que, por sua vez, levam os produtos para revender nos diferentes mercados da capital.

A vida no mercado começa de madrugada. Os comerciantes chegam entre às 4 e 5 horas da manhã. Neste período, os preços são bastante aliciantes, são os verdadeiros "preços da igreja". A clientela madrugadora não hesita, faz-se às compras. Os revendedores entram para a festa da "dikomba", venda abundante, que dura até às 13 horas, altura em que os grossistas desfazem as bancadas e deixam o mercado.

ELEVADA PROCURA E VENDA

Num ambiente agitado e de muita gritaria, corre a venda de cabelo postiço, humano ou fibra. As vendedoras ficam atentas a qualquer pessoa que se aproxime das suas bancadas. Com a equipa do Luanda Jornal Metropolitano não houve excepção.

As comerciantes, em voz alta, fazem o "marketing" dos seus produtos, com o natural objectivo de atrair e convencer os clientes. Uma das vendedoras tentou chamar a nossa atenção: "mano, vem aqui, está a bom preço... a tua mulher, em casa, vai gostar". Uma outra também tenta a sua sorte: "pai, é bom cabelo, é original. Leva. Assim é o dia-dia na secção de venda de cabelo, onde os produtos são colocados de modo a que todos os vejam.

O cabelo humano é o produto mais procurado no mercado do Kicolo. De acordo com as vendedoras, há quem o compre em grandes quantidades, no valor de cem mil kwanzas. Assim, a pessoa com maior capacidade de persuasão, no final do dia, faz boa venda. O negócio é liderado por muitas mulheres, distribuídas em mais de 150 barracas. As proprietárias gabam-se de ter os melhores preços do país.

"Os nossos preços são muito mais baixos do que os praticados nos salões de beleza", defendeu uma vendedora.

Curioso é notar que, mesmo em tempo de crise, o comércio de cabelo humano tem grande saída. Logo, é muito rentável. Os preços das mechas de cabelo postiço variam entre cinco mil e 25 mil Kwanzas. Em alguns casos, há uma negociação entre o vendedor e o comprador, se este optar por comprar grande quantidade. Nesta situação, o preço é reduzido consideravelmente.

As vendedoras também dão graças àquelas mulheres que usam certa aplicação por pouco tempo e, logo a seguir, vão já à procura de novo cabelo. Marta da Silva usa cabelo postiço há 10 anos, com o intuito de mudar o visual. Gasta cerca de 40 mil Kwanzas na compra do cabelo, aplicação e penteados.

"Sinto-me bonita com o meu cabelo ou cabelo humano. Mas gosto de mudar. A beleza da mulher é o cabelo", disse, enquanto lhe fazem uma aplicação, ali mesmo, no Mercado do Kicolo.

Maria Cláudia trabalha há mais de nove anos como cabeleireira no mercado. Explica que, em média, um aplique de cabelo leva duas horas. A variação depende do tipo e da quantidade de cabelo. O gosto das mulheres varia, oscilando para o cabelo liso, ondulado ou cacheado. Existem as aplicações do tipo peruca, fio por fio, costurada, renda mais.



PROCURA Comércio de cabelo humano tem saída.

CABELEIRA DESCONFIA DOS FIOS DE "RUA"

A diferença de preços, no mercado do Kicolo e nos salões de beleza é enorme. Nestes, mecha de cabelo mais barato custa 15 mil Kwanzas e a mais dispendiosa fica por 30 mil. Uma aplicação, no mercado do Kicolo, fica por quatro mil Kwanzas, enquanto nos salões de beleza se gasta entre 8 mil e 10 mil kwanzas.

Paula Damião, cabeleireira de profissão, disse que, em média, uma pessoa pode gastar até 50 mil kwanzas para mudar a aparência. Para ela, diferença de preços entre um salão de beleza e o mercado informal é justificada. "Só vendemos cabelos originais. Às vezes, encontra-se mais barato, mas há grande probabilidade de ser falso", disse.

A cabeleireira deixa algumas dicas para quem se arrisca a comprar cabelo postiço em locais não recomendados por ela.

"O negócio pode ser rentável, mas é necessário ter cautela, para não ser ludibriado na hora da compra para revender. Para saber a diferença entre o cabelo humano e o sintético é necessário conhecer bem a estrutura do fio capilar... Quem não sabe compra o cabelo falso e, depois, não consegue vender, porque o cabelo fica rijo na cabeça da cliente. É dinheiro jogado fora", alertou.

A cabeleireira parece preocupar-se com a aparência. No momento em que nos dava a entrevista, apresentava um aplique liso, nada barato. Confidenciou-nos que gastou 45 mil

Kwanzas, incluindo a compra do cabelo e o penteado, que manterá por dois meses, tempo máximo para permanência de cabelos humanos aplicado com a técnica "fio por fio".

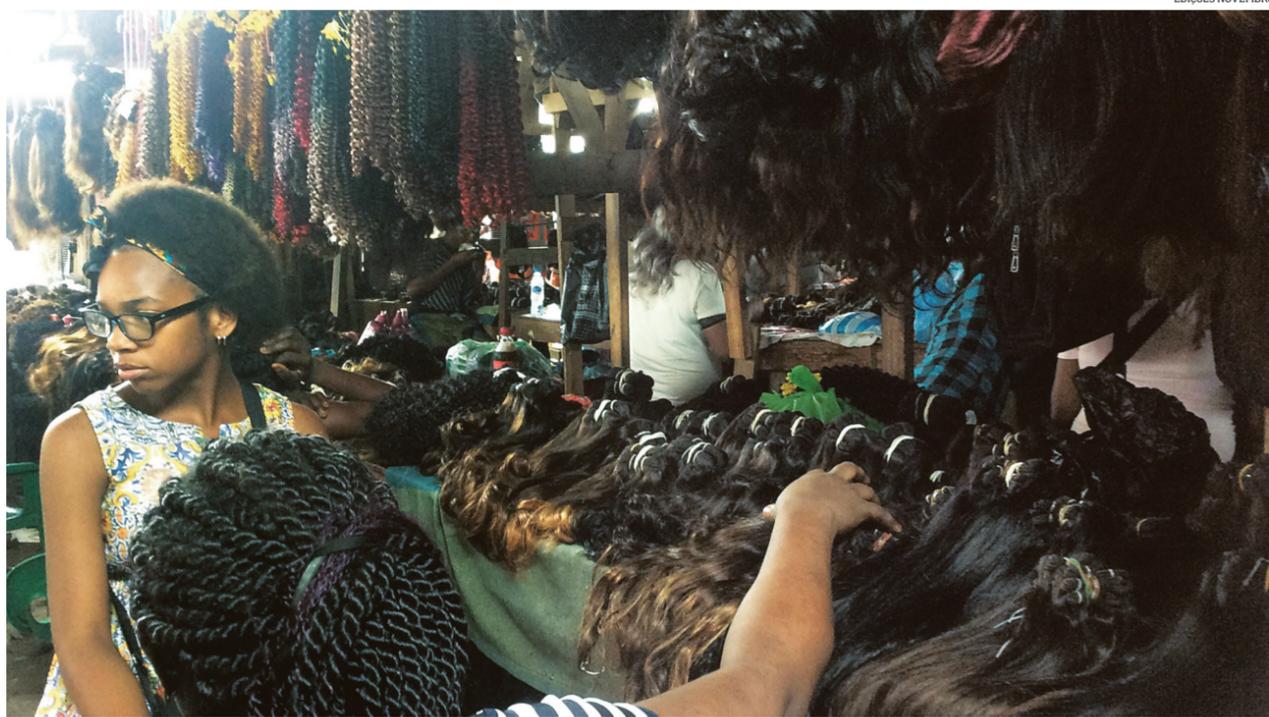
"Já quando se aplica com costura, a pessoa pode ficar até três meses. Mas isso pode trazer danos irreversíveis. Geralmente, fica-se com a aplicação durante um mês. Não é aconselhável usá-la durante muito tempo, pois pode enrolar-se na raiz e quebrar o cabelo natural da pessoa que a usa. É necessário, também, hidratar, para fortalecer o próprio cabelo. Muitas mulheres esquecem-se disto e os cabelos caem", detalhou Paula Damião.

Os melhores cabelos que estão a venda no mercado angolano, segundo a especialista, vêm da Índia. Entre o cabelo indiano e o chinês, ela prefere o primeiro.

CABELO BRASILEIRO DA ÍNDIA

Em Angola e no mundo, o cabelo postiço mais procurado é o chamado brasileiro. O que pressupõe que a proveniência seja o país do samba. Puro engano. Antes da entrada da china neste segmento do mercado internacional, quase todo ou quase todo o cabelo humano vinha da Índia.

Porem, foi no Brasil que o cabelo indiano recebeu o melhor tratamento e logo passou a ser conhecido como "cabelo brasileiro". Independentemente da atribuição da "paternidade" ao Brasil, o cabelo indiano conquistou o mundo.



VARIAÇÃO O preço das mechas de cabelo postiço oscila entre cinco mil e 25 mil Kwanzas, no principal centro de vendas.



METAS UNS BUSCAM SAÚDE, OUTROS QUEREM MÚSCULOS

Em muitas ruas de Luanda, a maior parte das pessoas - jovens e adultos -, pratica exercícios físicos para manter a forma e levar uma vida saudável. Porém, quem deseja o tal corpo musculado, atlético ou "sarado", como se diz na gíria brasileira, procura ginásios, treina nos bairros, em campos de jogos, largos, passeios ou em passagens aéreas, quase sempre sem disciplina.



HELENA CHIMBONGUE "SOU GOSTOSA E TENHO DE MANTER-ME"

Helena Chimbongue garante que o corpo "é natural. Os exercícios só vêm definir ainda mais as curvas". O objectivo dela é aumentar a massa muscular das pernas, pois, a seu ver, é o que lhe falta. "Eu sou gostosa e tenho de manter-me", disse.

EXERCÍCIOS

EDUARDO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Agachamentos para um corpo "sarado"

A "onda" agora são os exercícios físicos da cintura para baixa, em busca do corpo definido, musculado, atlético, perfeito ou, resumindo, "sarado"



Nilza Massango

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Geni Eusébio é elegante: ancas bem acentuadas, cintura finíssima, um corpo quase perfeito. A jovem tem, contudo, outras ambições, no que toca a medidas corporais. Quer mais do que já tem. Na busca do seu sonho, há três meses que se vem exercitando, junto da pedonal da Avenida Ho Chi Minh.

O treino é para potenciar a parte do corpo da cintura para baixo, uma mania que as mulheres transformaram em moda, na cidade capital. Muitas raparigas saem, diariamente, às ruas, trajando os chamados "colants xuxuados", para fazer agachamentos e alongamentos. A "onda" de exercícios físicos agora é trabalhar da cintura para baixa, em busca do corpo definido, musculado, atlético, perfeito ou, resumindo, "sarado". Portanto, acima da saúde está a vaidade das praticantes.

Nestes dias, cada vez mais pessoas investem na boa forma física. Fazer exercícios nos ginásios e nas ruas, ao ar livre, virou moda, principalmente, para os jovens da cidade capital. Se, anteriormente, apenas os homens exercitavam-se para aumentar ou manter a musculatura, hoje, são as mulheres quem, ousadamente equipadas com trajes de treino, bem ajustados ao corpo, se desfaz em agachamentos e alongamentos, para aumentar a massa muscular das nádegas e coxas.

A moda invadiu as ruas de Luanda. É exercitar da cintura para baixo que está a "bater". Tudo vale. Há raparigas que, por causa dos seus trajes de treino, chegam a parar o trânsito automóvel. O sonho de ter um corpo fisicamente perfeito ou "sarado" faz que muitas delas entrem na "onda" dos agachamentos, alongamentos, corridas e das longas caminhadas. Aumentar o volume dos glúteos, o vulgar "bumbum", ou seja, ter um corpo musculado, bem definido, com braços fortes e pernas torneadas, é, agora, uma questão de vaidade.

O SONHO DO CORPO "SARADO"

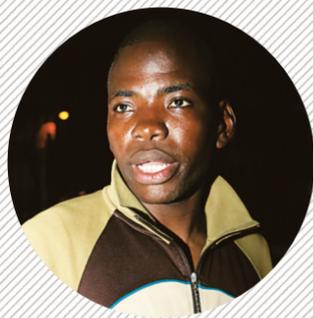
Quase todos os dias, a partir das 19 horas, a pedonal da Avenida Ho Chi Minh, bem junto à Faculdade de Arquitectura da Universidade Agostinho Neto, é tomada de assalto, por dezenas de jovens, maioritariamente mulheres, que sobem e descem as escadas em posição de agachamento. Os passeios e os seus assentos também servem de apoio para os exercícios.

É lá onde "malha" Geni Eusébio, a rapariga do início do texto. Ela vive no Prenda e caminha, diariamente, em companhia de uma amiga, até ao local escolhido para os exercícios. Na Avenida Ho Chi Minh, ela faz agachamentos e o "sobe e desce" nas escadas da pedonal. Exercita, apenas, a parte da cintura para baixo.



**GENY EUSÉBIO
A FAZER O “PÉ DE CABRA”**

Quando a reportagem a surpreendeu, Geny Eusébio exercitava-se. “Estou a fazer o pé de cabra”, disse, continuando os treinos. Ela explicou que o “pé de cabra” é um exercício semelhante ao agachamento, mas com os movimentos das pernas mais lentos. Ela entrou para a “onda” destes exercícios de rua por causa das amigas. Portanto, a competição e a vaidade estão subjacentes..



**CÉLIO GONÇALVES
ORIENTAÇÃO DE TÉCNICO
É FUNDAMENTAL**

“É um perigo fazer exercícios sem qualquer orientação profissional; pode-se contrair lesões graves, como entorses ou inflamação musculares. É indispensável um acompanhante. Se não, ainda que se treine, não se obtém forma física desejada”.

“Estou a fazer o pé de cabra”, disse, continuando os treinos, mesmo com a presença da nossa equipa de reportagem. Geni explicou que o denominado “pé de cabra” é um exercício semelhante ao agachamento, mas com os movimentos das pernas mais lentos. Ela entrou para a “onda” destes exercícios de rua por causa das amigas. Portanto, a competição e a vaidade estão subjacentes.

Helena Chimbongue tem, igualmente, atributos físicos que podem causar inveja a muitas mulheres e prender o olhar de qualquer homem. Ela garante que o corpo “é natural. Os exercícios só vêm definir ainda mais as curvas”. O objectivo de Helena é aumentar a massa muscular das pernas, pois, a seu ver, é o que lhe falta. “Eu sou gostosa e tenho de manter”, disse, convencida.

A fazer exercícios, há quatro anos, na rua está Cláudia Bernardo. Fá-lo porque gosta. Também quer aumentar o “bumbum”. É outra adepta do “pé de cabra” que, considera um exercício difícil e cansativo, “mas garante o volume das pernas e faz o ‘bumbum’ crescer”. Ela treina sozinha, sem acompanhamento profissional. Afirmo que observa o que os outros fazem e imita.

O antigo campo do CDUA, na avenida Revolução de Outubro, distrito da Maianga, a partir das 19 horas, fica lotado de jovens e mulheres, à procura da boa forma física. Ali, é outro o cenário procurado pelas jovens amantes das “partes avantajadas”. É frequente vê-las apoiar-se nos ferros que cercam o campo, para agachamentos e alongamentos. É outro “sobe e desce”, sempre exercitando para aumentar o volume das pernas. “Na actividade física, é preciso muita paciência e força de vontade, para se alcançar o desejado, nesse caso, o volume dos glúteos”, disse uma jovem, que há três meses exercita-se naquele campo, com o sonho de conseguir ter um “bumbum” robusto.

LOCAIS MAIS CONCORRIDOS

A Baía de Luanda e o chamado “calçadão”, na Ilha do Cabo, são os locais mais concorridos para a actividade física. Esses espaços oferecem as melhores condições, desde quadras de jogos a equipamentos adequados para os exercícios. Além das aulas em grupos, assistidas por profissionais, há sempre outras pessoas que, de modo individual, fazem agachamentos, abdominais, caminhadas e corridas. O período da noite ou o pós-laboral é o mais preenchido.

Para a Márcia da Conceição, 29 anos, fazer exercícios para afinar a cintura, diminuir a barriga e aumentar os glúteos é, claramente, uma questão de vaidade. Apesar de ter um corpo de “Miss”, começou a exercitar-se há algumas semanas, na Ilha do Cabo, porque cismou que os vestidos justos já não lhe ficavam bem. “Tenho a barriguinha um pouco dilatada”, queixou-se.



REGRAS António Coimbra, professor de Educação Física e especialista em Cuidados Intensivos, desaconselha o uso de substâncias químicas

**O ESFORÇO PARA FAZER
EXERCÍCIOS REGULARES
VALE A PENA**

Para Márcia, é difícil fazer exercícios físicos, mas vale o esforço pelo objectivo que pretende alcançar. Ela está motivada, pelos bons resultados, espelhados na forma física da sua vizinha, Vanda Cardoso, que, na Ilha do Cabo, também treina com o acompanhamento de um professor de educação física.

Ao contrário das jovens que fazem exercícios intensos, por uma questão de vaidade, Luísa Gambôa é mais moderada. Ela treina há mais de quatro anos, com o objectivo de ter uma vida saudável e melhorar a sua auto-estima. Ela faz caminhadas e ginástica aeróbia, três vezes por semana. “Não pretendo aumentar nada. Apenas manter o físico que tenho”, disse, sem rodeios.

Por uma vida saudável, Vanda Cardoso também pratica exercícios na Ilha de Luanda, com um professor de educação física. Abdominais, agachamentos e outros exercícios fazem parte da sua rotina. Em muitas ruas de Luanda, a maior parte das pessoas - jovens e adultos -, pratica exercícios físicos para manter a forma e levar uma vida saudável. Porém, quem deseja o tal corpo musculado, atlético ou “sarado”, como se diz na gíria brasileira, procura ginásios, treina nos bairros, em campos de

jogos, largos, passeios ou em passagens aéreas. Em muitos casos, os métodos usados para alcançar os resultados são os menos recomendados. Muitos treinam sem qualquer supervisão profissional, sem exames médicos prévios e sem seguir a uma alimentação equilibrada.

**UM PROFISSIONAL
É FUNDAMENTAL**

Fazer exercícios físicos, seja no ginásio, em casa ou ao ar livre, faz bem à saúde, isto todos sabemos. Mas, o que muitos não sabem ou ignoram é que é fundamental a orientação de um profissional. Pois, os riscos de ter lesões e até potencializar alguns problemas de saúde, são enormes.

Célio Gonçalves, professor de Educação Física, orienta algumas jovens que treinam em ginásios e nas ruas da cidade. Profissional há 13 anos, Célio Gonçalves alertou sobre os riscos de exercícios físicos sem orientação profissional, pois pode-se contrair lesões graves, como entorses ou inflamação musculares. É indispensável um acompanhante. Se não, ainda que se treine, não se obtém forma física desejada”, explicou.



COMPANHIA Muitos preferem ter alguém ao lado na hora dos exercícios



OPÇÕES Baía de Luanda é dos locais mais concorridos para a actividade física



BOA FORMA HOMENS TÊM A CONCORRÊNCIA DAS SENHORAS NOS EXERCÍCIOS

Nestes dias, cada vez mais pessoas investem na boa forma física. Fazer exercícios nos ginásios e nas ruas, ao ar livre, virou moda, principalmente, para os jovens da cidade capital. Se, anteriormente, apenas os homens exercitavam-se, para aumentar ou manter a musculatura, hoje, encontram a concorrência de mulheres



PERIGO RECURSO A PRÁTICAS NADA "OLÍMPICAS"

Para obter rápidos resultados na sua forma física, muitos homens e mulheres apelam à ingestão ou à injeção de substâncias, como anabolizantes e outros, capazes de fazer milagres. Mas este caminho acarreta riscos à saúde.

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO

INGESTÃO DE SUBSTÂNCIAS NOCIVAS TRAZ PROBLEMAS DE SAÚDE

Para obter rápidos resultados na sua forma física, muitos homens e mulheres apelam à ingestão ou à injeção de substâncias, como anabolizantes e outros, capazes de fazer milagres, mas que podem causar sérios problemas à saúde.

António Coimbra, professor de Educação Física e especialista em Cuidados Intensivos, explica que, por um lado, estas substâncias deixam o corpo bonito, forte e aparentemente saudável, em pouco tempo. Mas, em contrapartida, estes produtos cobram um preço alto, por que funcionam como um "tsunami interno", no organismo, causando doenças graves e, em alguns casos, a morte.

O professor de educação física reforçou também que o uso dos anabolizantes faz muito mal à saúde, porque altera o funcionamento normal do organismo humano. Entre os vários tipos de anabolizantes usados pelos jovens, em Luanda, está o Deca Durabolin, muito popular. Segundo pesquisas na internet, este produto pode permanecer no organismo até 18 meses e proporciona ganho de peso em pouco tempo.

Sobre como ter um corpo atlético, musculado, António Coimbra explicou que depende do biótipo (físico) de cada pessoa, tempo de treino, descanso e alimentação, pois tudo isso vai fazer que a pessoa atinja os seus objectivos na forma física.

"Mente o profissional que diz que, em um mês e dois ou três de treinos a pessoa atinge rápidos resultados. Este processo envolve vários factores, como idade, alimentação e a frequência de treino", esclareceu. Disse que para atingir a massa muscular que tem, levou muito tempo, cerca de 18 anos, de muito treino, com frequência, e cuidados com a dieta alimentar.

António Coimbra é professor de Educação Física, com curso de Personal Trainer, e especialista em modalidades de grupo e Cuidados Intensivos. Explicou que não há ganhos sem esforço e que é normal que, devidos aos treinos, o corpo precise de algumas vitaminas, do tipo proteínas, que não fazem mal algum. "O que faz mal são os anabolizantes".

A título de curiosidade, nas rádios e nas redes sociais, há informações segundo as quais mulheres, em Luanda, estão a usar o "caldo Maggi", de galinha, que, aplicado no traseiro, faz aumentar a "mbunda". Os efeitos sobre o corpo e os eventuais males à saúde são desconhecidos.

ANABOLIZANTES, O QUE SÃO?

Segundo uma pesquisa na internet, os esteróides androgénicos anabólicos (EAA ou AAS- do inglês anabolic androgenic steroids), também conhecidos, simplesmente, como anabolizantes, são uma classe de hormónios esteróides naturais e sintéticos, que promovem o crescimento celular e a sua divisão, resultando no desenvolvimento de diversos tipos de tecidos, especialmente o muscular e ósseo.

Os anabolizantes são substâncias geralmente derivadas do hormónio sexual masculino, a testosterona, e podem ser administradas, principalmente, por via oral ou injectável. Actualmente, não são utilizados somente por atletas profissionais, mas também por pessoas

que desejam uma melhor aparência estética, inclusive adolescentes.

Os EAA foram descobertos nos anos 1930 e têm sido usados desde então, para inúmeros procedimentos médicos, incluindo a estimulação do crescimento ósseo, apetite, puberdade e crescimento muscular. Podem também ser usados no tratamento de pacientes submetidos a grandes cirurgias ou que tenham sofrido acidentes sérios, situações que, em geral, acarretam um colapso de proteínas no corpo.

O uso mais comum de EAA é para condições crónicas debilitantes, como o cancro e a SIDA. Os esteróides anabolizantes também têm sido associados a diversos efeitos colaterais, quando forem administrados em doses excessivas, e esses efeitos incluem a elevação do colesterol, acne, pressão sanguínea elevada e outros.

Hoje, os EAA são controversos por serem muito difundidos em diversos desportos e possuírem efeitos colaterais. Enquanto há diversos problemas de saúde associados ao uso excessivo de EAA, também há uma volumosa quantidade de propaganda, assim como concepções erróneas da população sobre o seu uso. **NM**



ALTERNATIVAS Na busca da forma perfeita a dar ao corpo, até degraus e corrimões são "acessórios" a levar a sério

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



ESCOLHA Enquanto alguns fazem os treinos por sua conta e risco, outros preferem-nos sob a supervisão de um especialista.

**OS 70 ANOS DE KAPELA
LUVUVAMU+NZOLA
I PAZ + AMOR**

Os 70 anos de Paulo Kapela são comemorados com uma exposição individual, denominada Luvuvamu +Nzola I Paz + Amor. A mostra comporta sete trabalhos em formato de técnica mista, uma grande instalação e um filme.

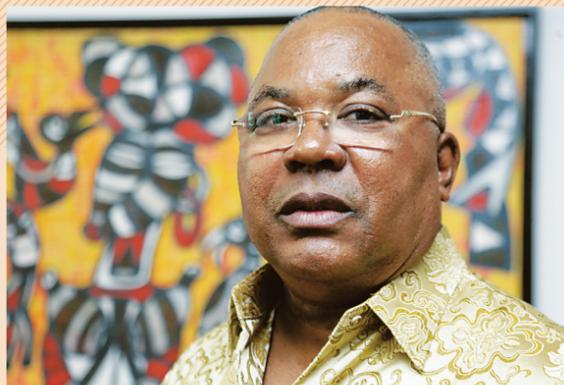


**“ANGOLA, ME DIZ AINDA”
MENDONÇA MOSTRA
OBRA POÉTICA**

“Angola, me Diz Ainda”, a mais recente obra poética de José Luís Mendonça, inaugura hoje a colecção “Troncos da Literatura Angolana”, que pretende valorizar o trabalho dos escritores nacionais e proporcionar um encontro intelectual entre a antiga e a nova geração.



EVENTOS



EXPOSIÇÃO Obras artísticas no Cazenga

**“KALUANDANDO.COM”
NA FÁBRICA DE SABÃO**

O Uma mostra com obras de pintura, fotografia, gravura, grafite, instalação, cerâmica e tapeçaria, de artistas como Álvaro Macieira, Ana Paula Sanches, Binelde Hyrcan, Caetano Tomás ou Casca Pedro Pinto, encerra no dia 30 deste mês, nas instalações da Fábrica de Sabão do Cazenga.



ARTISTA Criador expõem no Centro Camões

**ANTÓNIO OLE - 50 ANOS
VIVENDO, CRIANDO**

A instalação em lâmpadas neons ajudam a ilustrar com precisão o quadro “Viagem Imaginária entre Angola e o Oriente”. A peça, de 197X61 cm, mostra a evolução da arte contemporânea que se produz em Angola e faz parte de um conjunto de 27 obras de pintura de António Ole, exposta no Camões/Centro Cultural Português, até 20 de Dezembro.

“António Ole - 50 Anos Vivendo, Criando” celebra a vasta e reconhecida obra do artista, construída ao longo de meio século, numa amostra pintada em acrílico sobre tela e pigmentos sobre tela. Quem entra para o salão de exposição pode encontrar a seguinte frase: “O tempo passa tão suavemente no recolhimento diário do meu estúdio que, se não fosse uma voz amiga a lembrar-me, nem me apercebia que estou a completar 50 anos de trabalho. Um percurso construído a partir de um somar de experiências vividas”, sublinha António Ole.

Nascido em Luanda, no ano de 1951, António Ole é um dos maiores artistas angolanos da actualidade.

KABUDI ELY

**O artista
das pesquisas**

“Cultura”, “Selfie” e o “Ciclo de Dia” fazem parte de um conjunto de quadros que figura nas paredes do MySpeac, no Centro de Formação de Jornalistas, em Luanda. As obras, que brilham pelas cores e mensagens reais de cada uma, surgem da necessidade de congregar, no mesmo espaço, cultura, arte e entretenimento. São trabalhos que resultam de pesquisas que Kabudi Ely vêm desenvolvendo, ao logo dos 20 anos de carreira. É, particularmente, a junção de alguns quadros que o autor apresentou na exposição “As Paredes que não me Separam do mundo”, realizada em 2015, na sede da Total EP, em Luanda. O mesmo modelo vai ser apresentado em 2018, no Núcleo de Arte, em Maputo, Moçambique. Apesar de se considerar “em processo de aprendizagem”, os trabalhos de Kabudi Ely demonstram outra realidade. “Entre Cultura”, por exemplo, mostra a relação entre o economicismo e a supremacia subcultural que o primeiro gera, facto muito presente e digno de reflexão em sociedades metamorfoicas, no que diz respeito à identidade. No “Self”, encontramos o culto a si mesmo, admiração do “eu” na actualidade, bem como a associação destes elementos a consequências do individualismo e consciência do outro. Kabudi Ely considera cada obra uma reflexão de pesquisa quotidiana. “têm a ver com elementos externos e sociais. Cada uma delas reflecte determinados valores, que contribuem na arte do artista, bem como do público”, disse. No quadro de realizações, constam três exposições individuais, nomeadamente, “O Tempo tudo Destroí menos o Pão”, 2012, na Galeria do Hotel Skina, Luanda, “Entre o Sonho e a Realidade”, 2014, no Centro Cultural Mohamed VI, Marrocos, e “As Paredes que Não me Separam do Mundo”, 2016”, realizado na Total Angola. Na altura da sua primeira exposição individual, Sandra Gaspar e Orisa Go-

mes, prefaciadoras do catálogo da exposição, consideravam que Kabudi Ely apropria-se de coisas aparentemente simples, como o pão, com índole simbólica surpreendentemente importante, para o contexto humano, que perdem visibilidade na correria que o quotidiano moderno impõe. “Esta obra é, pois, um feliz veículo conducente a juízos estéticos heterogéneos, onde se conectam harmoniosamente a tentativa de fazer arte, o belo e o gosto”, ressaltam no texto. Nascido em 1972, na província do Kwanza Sul, o autor pinta há 20 anos, sendo que já participou em diversas exposições colectivas, em Angola e no estrangeiro, em países como Portugal, Alemanha e Noruega. O artista é membro da União Nacional dos Artistas Plásticos (UNAP). Em Angola, as suas pinturas do artistas podem ser vistas em instituições como Sonangol, Sonangalp, Sonils, Total, Angola Telecom, BAI, ENDE, Clínica Girassol, Hospital Militar, entre outras. No Estrangeiro, estão no Vaticano, Marrocos, Reino Unido, Alemanha, Portugal, Noruega.



TESTE

Desafio

1 - As **comunas de Angola** são o terceiro nível de unidades administrativas em Angola depois dos municípios. Os 173 municípios de Angola são divididos em comunas. **Kanacassala** é uma das comunas. A que província pertence?

- 1- Uíge
- 2- Bengo
- 3- Malanje
- 4- Luanda

2 - **Lunda Sul** é uma província de Angola situada no nordeste do país e a sua capital chama-se Saurimo. Tem uma área de 77 636 km² e a sua população aproximada é de 130.000 habitantes. Em que ano foi fundada?

- A- 1975
- B- 1548
- C- 1999
- D- 1978

3 - Que nome se dá à teoria que atribui a origem do **Universo** a uma explosão?

- 1- Teoria Espontânea
- 2- Teoria de Hiroshima
- 3- Big Bang
- 4- Bumerangue

4 - **Aquiles** foi um herói mitológico e um dos participantes da Guerra de Tróia. É o personagem principal e maior guerreiro da **Ilíada**, de Homero. A que mitologia pertence?

- A- Espartana
- B- Fenícia
- C- Grega
- D- Ashanti

RESPOSTAS

33- PATO. 36- CAN. 37- RE. 39- OS.
27- ALIAR. 29- PODER. 30- OPERA. 32- LADO.
23- PAR. 24- TRASTE. 25- TAAG. 26- FARDA.
AROMA. 12- AC. 15- ATAR. 19- ASILO. 22- MIO.
REAL. 7- FIM. 8- ANATAR. 9- DADOR. 10-
1- LUCRA. 2- URANO. 3- ASSA. 5- AR. 6-
Verticais
40- ÉTER. 41- ARENOSO. 42- ORA.
33- POP. 34- RÍSCA. 36- GRADE. 38- DATADO.
26- FARO. 28- LAR. 29- PÓ. 31- ALA. 32- LOA.
TOM. 21- AO. 22- MAS. 23- PARA. 24- TIRITAR.
14- CASCA. 16- AMADO. 17- RNA. 18- TAL. 20-
1- LUA. 4- GARRADA. 11- URSA. 13- REINAR.

Palavras Cruzadas

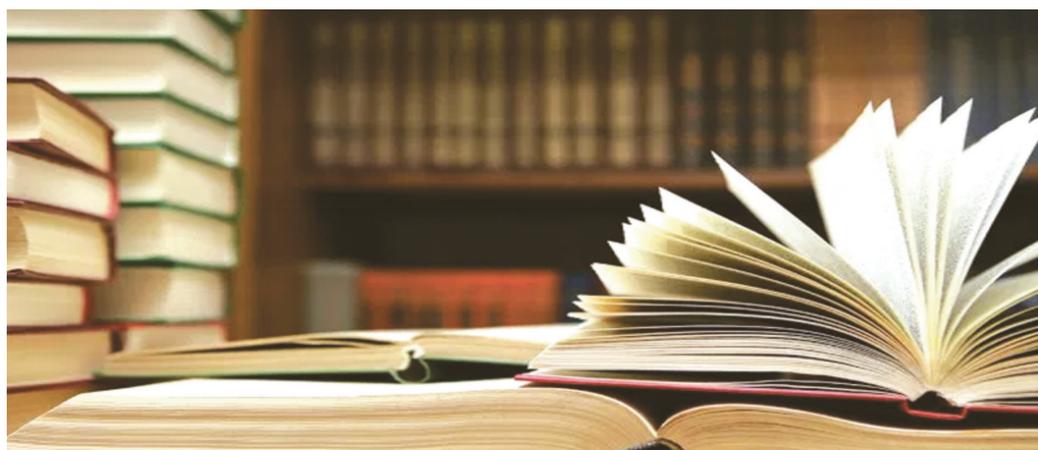
4 - C - Grega
3 - 3 - Big Bang
2 - D - 1978
1 - 2 - Bengo

Cartoon

Armando Pululo



Curiosidades



Poesia, uma das sete artes

A poesia, ou texto lírico, é uma das sete artes tradicionais, pela qual a linguagem humana é utilizada com fins estéticos ou críticos, ou seja, ela retrata algo em que tudo pode acontecer dependendo da imaginação do autor como a do leitor. Poesia, segundo o modo de falar comum, quer dizer duas coisas.

A arte, que a ensina, e a obra feita com a arte; a arte é a poesia, a obra poema, o poeta e o artífice. O sentido da mensagem poética também pode ser, ainda que seja a forma estética a definir um texto como poético.

A poesia compreende aspectos metafísicos e a possibilidade desses elementos transcendem ao mundo fático. Esse é o terreno que compete ao poeta.

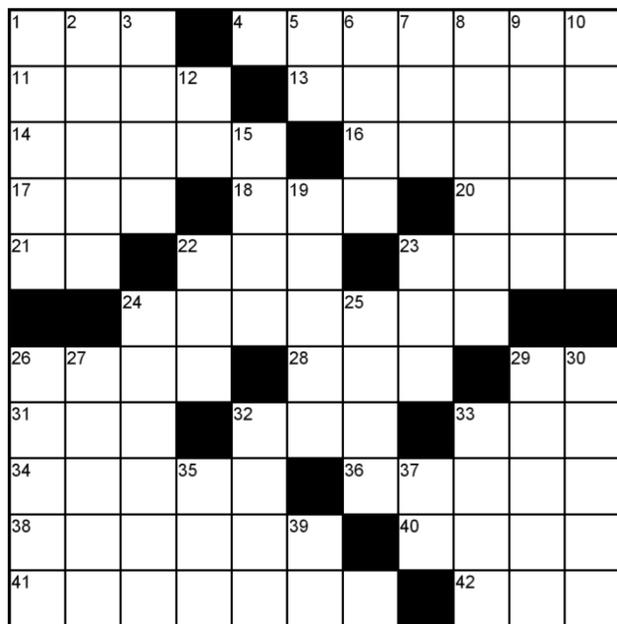
Num contexto mais alargado, a poesia aparece também identificada com a própria arte, o que tem razão de ser já que qualquer arte é, também, uma forma de linguagem (ainda que, não necessariamente, verbal). É a arte de poetizar que nos permite exprimir aquilo que está dentro de nós. Também pode ser encarado, como o modo de uma pessoa se expressar usando recursos linguísticos e estéticos.

A poesia como uma forma de arte pode ser anterior à escrita. Muitas obras antigas, desde os vedas indianos (1700-1200 a.C.) e os Gathas de Zoroastro (1200-900 aC), até a Odisseia (800-675 a.C.), parecem ter sido compostas em forma poética para ajudar a memorização e a transmis-

são oral nas sociedades pré-históricas e antigas. A poesia aparece entre os primeiros registos da maioria das culturas letradas, com fragmentos poéticos encontrados em antigos monólitos, pedras rúnicas e estelas.

O poema épico mais antigo sobrevivente é a Epopeia de Gilgamesh, originado no terceiro milênio a.C. na Suméria (na Mesopotâmia, actual Iraque), que foi escrito em cuneiforme em tabletas de argila e, posteriormente, papiro. Outras antigas poesias épicas incluem os épicos gregos *Ilíada* e *Odisseia*, os livros iranianos antigos *Gathas Avesta* e *Yasna*, o épico nacional romano *Eneida*, de Virgílio, e os épicos indianos *Ramayana* e *Mahabharata*.

Palavras Cruzadas



Horizontais

- 1- Miradouro da (...), conjunto de falésias no município da Samba, em Angola. 4- Porção de comida que se toma de uma vez com o garfo.
- 11- Fêmea do urso. 13- Ocupar o trono.
- 14- Camada exterior dos frutos. 16- Querido.
- 17- Rádio Nacional de Angola. 18- Um certo.
- 20- Modo de dizer. 21- Redução das formas linguísticas "a" e "o" numa só. 22- Senão.
- 23- Preposição que indica destino, fim.
- 24- Tremor de frio. 26- Perspicácia (figurado).
- 28- Casa de habitação. 29- Poeira.
- 31- Fileira. 32- Elogio. 33- Popular (abreviatura).
- 34- Elimina. 36- Caixa de plástico, com divisórias, utilizada no transporte de bebidas engarrafadas. 38- Que tem data. 40- As regiões superiores da atmosfera.
- 41- Coberto ou misturado com areia.
- 42- Reza.

Verticais

- 1- Ganha. 2- Deus do céu, na Grécia Antiga.
- 3- Queima. 5- Atmosfera.
- 6- Que não é imaginário. 7- Termo. 8- Cobrir de, ou tornar semelhante a nata. 9- Que ou aquele que dá. 10- Fragrância. 12- Antes de Cristo (abreviatura). 15- Apertar com nó.
- 19- Lugar de refúgio. 22- Voz do gato.
- 23- Diz-se do número inteiro que é divisível por dois. 24- Móvel velho e sem valor. 25- Linhas Aéreas de Angola.
- 26- Uniforme militar ou de uma corporação.
- 27- Juntar. 29- Ter autorização para.
- 30- Poema dramático ou lírico originário da Itália, cantado com acompanhamento de orquestra. 32- Flanco. 33- Penetra de festa.
- 35- Campeonato Africano das Nações.
- 37- Segunda nota musical.
- 39- Eles.

Cinema

ZAP Cinemas

Semana: 24 a 30 de Nov

- Título: **Liga da Justiça**
- Género: **Acção/ ficção(MAX)**
- Sessões: 12h50/ 15h30/ 18h10/ 21h00/ 23h50 (Sex, sáb e véspera de feriado)



- Título: **Coco 3D**
- Género: **Animação.**
- Sessões: 10h20/(Apenas Sábado, Domingo e feriados). 13h10/16h00/18h45/21h30 /23h50(Apenas Sexta, Sábado e véspera de feriados)



- Título: **Só Para Bravos**
- Género: **Acção.**
- Sessões: 12h40/15h40/18h30 /21h30/00h20 (Apenas Sexta, Sábado e véspera de feriados)



CINEMAX /Kilamba

Semana: 24 a 30 de Nov

- Título: **Só Para Bravos***
- Género: **Biografia, Drama.** (sala Vip)
- Sessões: 13h40/16h30/19h20 /22h10

- Título: **Liga da Justiça 3D**
- Género: **Acção, Aventura** (sala 1)
- Sessões: 13h00/15h40/ 18h20/21h00/23h40 (Apenas dias 24 e 25)

- Título: **Sete Irmãs** (sala 2)
- Género: **Acção, Sci Fi**
- Sessões: 13h30/ 16h20 /19h10/22h00 (Apenas dias 24 e 25)

- Título: **Bob o Constructor: Mega Machines - O Filme**

- Género: **Animação.** (sala 3)
- Sessões: 14h00/16h10/18h00 (Excepto dia 28)

- Título: **Ragnarok 3D**
- Género: **Acção, aventura.**
- Sessões: 19h40/22h30 (Excepto dia 28)

• Dia da Acção: (dia 28 de Nov)

- Título: **Shot Caller.**
- Género: **Drama, Thriller**
- Sessões: /13h20/16h00/18h50 /21h30

- Título: **O rapto** (sala 4)
- Género: **Acção, Suspense.**
- Sessões: /13h20/15h30 /17h50/20h10/22h20 (Apenas dias 24 e 25)

- Título: **Coco 3D**
- Género: **Animação.** (sala 5)
- Sessões: 13h10/15h50

- Título: **O estrangeiro**
- Género: **Acção.** (sala 5)
- Sessões: /21h20/23h50



DE SEGUNDA A SEXTA MORADOR DA MADEIRA FAZ A VIDA NA BAIXA

Ele sai de casa às 6 horas, numa cadeira de roda, até à paragem do táxi, com o auxílio de meninos do bairro, que o empurram. A cadeira de roda volta para a casa, com quem o ajudou. Na Mutamba, desce da viatura e segue até ao seu "lugar de produção".



SOLIDARIEDADE À ESPERA DE APOIO

José Segunda solicita às autoridades que lhe concedam uma residência, para albergar a família. "Gostaria que as pessoas de bem me arrandassem uma casa para viver com a minha família e, com o dinheiro das esmolas, poder sustentar os meus filhos".

SOCIEDADE

PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO



Mendigo da Mutamba chora por casa

É, muito provavelmente, o pedinte mais antigo da baixa da cidade. Com as ajudas que recebe, consegue pagar a renda de casa e as propinas de três dos quatro filhos

INCOMPREENDIDO Não poucas vezes, ao invés de receber ajuda, José Segunda ouve ofensas de pessoas que o têm como alguém com dinheiro guardado

Fula Martins

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.a

José Segunda, 42 anos, natural do município de Ikuma, província do Huambo. Um portador de deficiência física, que, desde as primeiras horas, fica sentado bem à frente da dependência do Banco Sol, na Mutamba. É, muito provavelmente, o mendigo mais antigo da baixa da cidade. Reconhecê-lo é muito fácil, devido também aos gritos que solta: "minha mãe, minha mãeee. Dá só 10 p'ra comprar pão. Ai mamã! Ai mamã! Ajuda, ajuda; dá só dinheiro p'ra comprar pão".

Vive nesta condição, de mendigo, há dez/doze anos. Leva-o a pedir esmola o facto de não ter alguém que o possa ajudar. Órfão de pai, José Segunda conta que a mãe é uma velhinha, que já não consegue sustentar os dois filhos. São dois irmãos, ambos de-

ficientes, e não sabem o que fazer. "Por isso, estou aqui, na Mutamba, a pedir esmola". José Segunda nasceu em Ikuma e cresceu no Lobito (Benguela). Saiu desta cidade para Luanda, num barco artesanal, na companhia da mãe e do irmão, fugindo do conflito armado que o país viveu.

Morador da Madeira, distrito urbano do Sambizanga, é pai de quatro crianças (13, 7, 5 e 2 anos) e vive maritalmente com Maria Pedro, numa casa de renda. Com as ajudas que recebe, consegue pagar a renda de casa e as propinas dos filhos, numa escola participada.

Se tivesse os filhos numa escola pública, José Segunda pouparia nas despesas. Acontece, porém, que os meninos ainda estão por registar. "Os meus filhos não estão registados, porque a minha mulher não tem bilhete de identidade". Por isso, apela a que o ajudem: "Peço às pessoas de boa fé a me ajude-

darem a tratar do registo de nascimento dos meus filhos e da minha esposa".

Os dias passados a mendigar rendem-lhe algum dinheiro. "Confesso que, diariamente, posso arrecadar entre 1500 e 2000 Kwanzas", esclareceu. Deste valor, dá 1000 (mil) Kwanzas à mulher, para confeccionar a refeição, e o restante guarda para outras despesas. A sensibilidade das pessoas para lhe prestar ajuda varia muito. Nem toda a gente que interpela corresponde. "Um bocadinho daqui e outro dali, juntando, consigo um jantar para os meus filhos".

A vida de mendigo é dura, como qualifica José Segunda. Não poucas vezes, ao invés de receber ajuda, ouve ofensas. "Aqui, na Mutamba, as pessoas dizem que eu tenho muito dinheiro, sou rico e tenho carros. Se eu tivesse esses bens, não ia voltar a sentar-me aqui. Só estou aqui, porque não tenho ninguém que me ajude", lamentou.

UM NASCIMENTO SEM DEFICIÊNCIA

José Segunda nasceu sem deficiência. Conta que, aos 10 anos, quando andasse, sentia como se as pernas estivessem a entrar para a barriga. Já os pés vergavam-se, o que dava a entender que seria cambaio.

ATACADO POR UMA DOENÇA

Depois da morte do irmão mais velho, foi atacado por uma doença que não consegue explicar e que fez piorar a sua forma de andar. Relata que, de-

pois de ter os pés encurvados, fabricou um par de muletas rudimentares, feitas de pau, que lhe facilitaram a locomoção durante algum tempo.

ATROPELAMENTO NA BAIXA

Segunda explica, com tristeza, que o pior aconteceu em Luanda. Descia a rua da Missão, em direcção à Mutamba, quando foi atropelado por uma viatura conduzida por alguém em estado de embriaguez. Acabou paráltico.



JOÃO CHIVANGO TEVE DIAGNÓSTICO ERRADO

João Chivango, de 66 anos, recebeu o diagnóstico de cancro da próstata no dia 3 de Julho de 2014. O professor aposentado contou que, quando adoeceu com gravidade, no Huambo, sua terra natal, foi-lhe diagnosticado insuficiência renal e passou a fazer diálise. Chegou a ficar paralisado e em cadeira de rodas.



PERIGOS IDADE É FACTOR DE RISCO

Os factores de risco para o cancro da próstata são: a idade, quanto mais anos tiver o homem, mais probabilidade tem de desenvolver o cancro; a hereditariedade, um dos principais factores de risco, pois, se existir história de cancro da próstata na família, é provável que os homens desta família venham a padecer da doença.

SAÚDE

JOÃO GOMES | EDIÇÕES NOVEMBRO



Cancro da próstata Entre o rastreio e o toque rectal

Pelo menos 53 casos da doença foram diagnosticados pelo Hospital Oncológico de Luanda

Rosalina Mateta
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Cento e cinquenta e três casos confirmados de cancro da próstata foram registados pelo Centro de Oncologia, em Luanda. Cem foram diagnosticados em 2016 e 53 até Setembro deste ano. Este número, que parece insignificante, se o enquadrarmos no universo dos mais de 12 milhões de angolanos (homens) do último censo populacional, em 2014, preocupa, contudo, as autoridades sanitárias.

O doutor Apolíneo Felizardo Paxi, urologista clínico e cirurgião, considera que, nas zonas mais recônditas do país, o difícil acesso aos hospitais, nomeadamente, às consultas de especialidade, impossibilita uma avaliação global. Por isso, a comunidade médica não pode ficar descansada com os números acima apresentados, embora os considere baixos, quando comparados com os de outros países. "Entre nós, é difícil a um paciente conseguir uma consulta com um urologista. Ainda somos poucos, infelizmente", justificou.

Outra razão para a preocupação é a consciência, pois os homens têm relutância em fazer os exames preventivos do cancro da próstata. "Existe um

tabu nos homens, o que os impede de procurar os serviços médicos, para cuidar da componente preventiva, uma consulta em que o paciente não tem sintomas, mas procura saber como está a saúde da próstata. Geralmente, os pacientes só aparecem quando os sintomas já são evidentes", lamentou o especialista.

No único hospital de Oncologia de Angola, a informação clínica dá conta que, mais de 70 por cento dos homens, quando procura assistência médica, já está em estado avançado da doença da próstata. Por esta razão, o Urologista incide o seu apelo para o exame médico precoce, "porque, inicialmente, o cancro é indolor. Apenas há sintoma quando está avançado", alertou.

IMPORTÂNCIA DO EXAME RECTAL PRECOCE

O especialista em urologia clínica Apolíneo Paxi chamou atenção para a importância do exame de rastreio do cancro da próstata, a partir dos 45 anos. "Se detectado na fase inicial, é possível fazer-se um tratamento potencialmente curativo ao cancro da próstata", assegurou o urologista. O cancro, acrescentou, pode aparecer em jovens menores de 40 anos.

O Hospital de Oncologia de Luanda realiza, todos os dias da semana,



DOUTOR Apolíneo Felizardo Paxi, urologista clínico

exames desta natureza, para todos os homens interessados. O doutor Apolíneo sabe que o toque rectal, em que consiste basicamente o exame do cancro da próstata, "é o inimigo dos homens". Mas alertou que 20 por cento dos casos são diagnósticos com recurso ao toque rectal e confirmados com a biopsia.

CAUSAS DO CÂNCER DA PRÓSTATA

Evidências científicas mostram que os factores de risco para o cancro da próstata são: a idade, quanto mais anos tiver o homem, mais probabilidade tem de desenvolver o cancro; a hereditariedade, um dos principais factores de risco, pois, se existir história de cancro da próstata na família, é provável que os homens desta família venham a padecer da doença. Há maior propensão da doença nos homens da raça negra. "Estudos demonstram que o homem negro pode vir a ter um cancro na próstata mais precoce e agressivo do que os homens de outras raças», explicou Apolíneo Paxi.

TRATAMENTO DO CÂNCER DA PRÓSTATA

Depois de confirmado, por exames clínicos, a existência de cancro da próstata, passa-se por classificar o paciente,



AVALIAÇÃO FALTAM NÚMEROS DE ZONAS RECÔNDITAS

O doutor Apolíneo Felizardo Paxi, urologista clínico e cirurgião, considera que, nas zonas mais recônditas do país, o difícil acesso aos hospitais, nomeadamente, às consultas de especialidade, impossibilita uma avaliação global.



HOSPITAL DE LUANDA EXAMES TODOS OS DIAS

O Hospital de Oncologia de Luanda realiza, todos os dias da semana, exames desta natureza, para todos os homens interessados. O doutor Apolíneo sabe que o toque rectal, em que consiste basicamente o exame do cancro da próstata, "é o inimigo dos homens".

para se determinar o tipo de cancro, se muito ou pouco agressivo. "Existe uma escala para a classificação de risco, isto tendo em conta o valor do PSA (sigla em inglês) que é o exame Antígeno Prostatático Específico, o toque rectal e as características anatomo-patológicas da biopsia.

"A partir daí, conseguimos dizer se o paciente é de muito baixo risco, baixo risco, risco intermédio, alto risco ou até mesmo de muito alto risco. De acordo com o enquadramento do paciente num destes riscos, conseguimos estabelecer qual é o melhor caminho terapêutico. Para os pacientes de muito baixo risco, pode-se dar a hipótese de fazer apenas aquilo que chamamos vigilância activa, que é uma forma de seguimento, porque todos outros tratamentos que venhamos a implementar acabaram por ser evasivos. Caso detectemos que a doença evoluiu um pouco, nós fazemos a radioterapia", detalhou o Urologista Apolíneo Paxi.

Para os pacientes de baixo e intermédio riscos, o caminho a seguir poderá ser a radioterapia ou a cirurgia que é a prostatectomia radical. Consiste na retirada da glândula prostática, da vesícula seminal, da gordura ao redor da próstata e dos linfonodos inguinais. Os pacientes de alto risco, que não apresentem metástase, podem fazer ainda a radioterapia e a cirurgia. Depois, pode ser avaliada a necessidade ou não de um outro tratamento complementar. Isto depende de como o organismo do paciente se comporta. No muito alto risco, também procede-se da mesma forma. Mas, na presença de metástases, o tratamento muda totalmente.

"Quando confirmada a metástase, já não há a possibilidade de um tratamento curativo. Então, fazemos um tratamento paliativo, que é o controlo dos sintomas para evitar a progressão. Podemos fazer um tratamento que é a castração cirúrgica e castração química. A cirúrgica consiste na retirada dos testículos, porque estes produzem a testosterona que alimenta o cancro da próstata e as metástases. A castração química, que é a base do uso de substâncias que diminuem a quantidade de testosterona no organismo, o chamado hormônio terapia. Isto leva a um alívio dos sintomas e a regressão da doença, havendo doentes que podem ficar 10 ou mais anos. Controlados", detalhou Apolíneo Paxi. Diante do devastador poder do cancro da próstata, o Urologista clínico e cirurgião aconselha que os homens acima dos 40 anos procurem um urologista, pelo menos, uma vez por ano, ainda que seja fora do serviço do hospital de Oncologia.

O médico pediu também o envolvimento das famílias, nomeadamente, esposa e filhos, no sentido de o obrigarem a fazer o exame da próstata. "Não podemos cuidar de quem amamos, se não cuidarmos de nós. Nenhum homem está em condições de cuidar da sua família, se não cuidar de si", consciencializou o especialista.



JOÃO GOMES | EDIÇÕES NOVEMBRO

TARDE DEMAIS No Centro de Luanda, mais de 70 por cento dos homens, quando procura assistência médica, já está em situação crítica

NÚMEROS DO CANCRO DA PRÓSTATA NO MUNDO

A OMS estimou que o cancro da próstata, até Março deste ano, causou 343 mil e 800 mortes no mundo. Ainda de acordo com a OMS, a região onde foram registados mais casos deste tipo de cancro foi o Pacífico ocidental, com 3 mil e 74 óbitos anuais.

O Urologista clínico angolano Apolíneo Paxi particularizou a realidade dos Estados Unidos da América. Deu a conhecer que mais de 200 mil homens, por ano, foram acometidos do mal, de 2010 a 2017, resultando daí mais de 36 mil óbitos.

CANCRO DA MAMA NOS HOMENS

Geralmente, quando se aborda o cancro na mama, as visadas são as mulheres. Na verdade, o sexo feminino é mais propenso a padecer deste mal. Mas os homens não estão isentos.

Estima-se que, em Angola, a população masculina atingida pelo cancro da mama seja apenas de um por cento. Mas, como o doutor Apolíneo sabe que este facto é desconhecido por milhares de homens, entendeu ser importante o alerta, embora não seja a sua especialidade.

"Se um homem notar o aumento da mama ou um nódulo, indolor ou não, deve procurar um médico. Pois, quando não diagnosticado ou não tratado, o cancro da mama nos

homens pode evoluir para ulceração e deformação do mamilo", alertou.

Na opinião do especialista, os homens não necessitam de fazer o auto-exame da mama, uma vez que, pelo facto das suas mamas não serem tão desenvolvidas como as das mulheres, facilita o diagnóstico.

EXAMES DIAGNÓSTICOS E LIMITAÇÕES

O hospital de Oncologia de Luanda, o único de referência em Angola, garante aos pacientes o exame de rastreio do cancro da próstata. Mas tem limitações para os exames de PSA e cirurgias, embora para estas tenha capacidade técnica.

O TESTEMUNHO DE UM PACIENTE

João Chivango, de 66 anos de idade, recebeu o diagnóstico de cancro da próstata no dia 3 de julho de 2014. Garante que, desde a data, sente-se um homem renovado. "Trataram-me bem. Eu nunca fui ao exterior cuidar-me. Este é um hospital de referência", argumentou.

O ancião, encontrava-se, no dia 10 de Novembro deste ano, no hospital de Oncologia, para fazer os exames de rotina trimestrais, que incluem uma injeção bastante eficaz, cujo valor ronda os 200 mil Kwanzas, que o paciente adquire fora do hospital.

O senhor Chivango, professor aposentado, contou que, quando adoeceu com gravidade, no Huambo, sua terra natal, foi-lhe diagnosticado insuficiência renal e passou a fazer diálise, chegando ao ponto de ficar paralisado e dependente de cadeira de rodas.

"Eu ia morrendo", disse, com toda a certeza. Livrou-o da morte a insistência de um filho, que, agastado com a ausência de melhoria no tratamento do pai, aconselhou-o a viajar para Luanda.

"Quando aqui cheguei, tive que fazer uma desintoxicação do organismo, porque, no Huambo, deram-me uma medicação errada. Nunca tive problemas nos rins. Mas, ainda assim, os médicos disseram que eu tinha apenas 72 horas de vida", explicou.

No fim da desintoxicação João Chivango submeteu-se a biopsia que foi determinante para saber que padecia de cancro da próstata. Ele também contou que o toque rectal marcou-lhe profundamente. «Não sei se faria pela segunda vez, mas foi muito importante. Eu aconselho que os homens façam o exame de rastreio»

João Chivango sabe que existe um preconceito em relação ao exame de toque rectal. «Dizem que o homem torna-se impotente. Garanto que não é taxativo... O melhor é fazer o exame do que ficar doente», aconselhou. **RM**

Doe Sangue
Salve uma Vida
Faça Parte desta Causa!



INSTITUTO NACIONAL DE SANGUE





**FEIRA
UM ALERTA AO CIDADÃO**

A exposição foi organizada pela Direcção Nacional de Viação e Trânsito, com o objectivo de sensibilizar automobilistas e chamar a atenção do público para as consequências humanas, materiais e financeiras dos índices de acidentes de viação na província de Luanda.



**ATENÇÃO
ACIDENTES SEGUEM
NA VIA-EXPRESSO**

Nove veículos acidentados estiveram expostos na feira, que decorreu no largo do Soweto, à Vila Alice, a 18 e 19 do corrente. Os acidentes aconteceram todos na Via-Expresso, no troço entre o Benfica e a entrada do Zango.

VIAÇÃO E TRÂNSITO

JOÃO GOMES | EDIÇÕES NOVEMBRO



EXPOSIÇÃO Automóveis sinistrados, cada um deles com o seu histórico de morte, estiveram à mostra, para chamar a atenção dos automobilistas para o perigo do incumprimento das regras

A morte vem de carro

De Janeiro a 30 de Setembro deste ano, Luanda registou 472 mortos, que resultaram de acidentes diversos. Feira expôs viaturas destruídas.

Mazarino da Cunha
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.a

“Xé! um carro desse, caríssimo, de luxo, de alta cilindrada e com um sistema de airbag seguro, ficou parece um Starlet! Meu Deus!” Foi assim que reagiu um visitante da Feira em Memória às Vítimas de Estradas, ao ver um dos vários veículos expostos, no Largo do Soweto, em Luanda.

Era um cenário arrepiante e de “engolir em seco”, para qualquer visitante, ao ver destroços de viaturas desfiguradas, cada uma delas com o seu histórico de morte. Entre os veículos, estava um Nissan, modelo Armada. O carro capotou na Avenida Fidel Castro, na primeira entrada da Centralidade do Kilamba.

O acidente ocorreu às 6 horas da manhã, do dia 16 de Dezembro de 2016. O

excesso de velocidade foi a causa do sinistro, que causou três mortos, um ferido e a destruição parcial do meio. A viatura acabou por capotar.

Paralelamente à viatura Nissan Armada, estava um Corola, modelo da Toyota. No seu histórico, lia-se que o acidente ocorreu às 23 horas, também na Avenida Fidel Castro, nas imediações do estádio 11 de Novembro. A fadiga e o sono estiveram na base da ocorrência, que causou a morte imediata do ocupante e a destruição total do automóvel.

Nove veículos acidentados estiveram expostos na feira, que decorreu no largo do Soweto, à Vila Alice, a 18 e 19 do corrente. Os acidentes aconteceram todos na Via-Expresso, no troço entre o Benfica e a entrada do Zango.

De acordo com o relatório da Direcção Nacional de Viação e Trânsito (DNVT), excesso de velocidade, falta

de precaução, não cedência de prioridade de passagem, mudanças irregulares de direcção, consumo exagerado de álcool, fadiga, sonolência e mau estado técnico de algumas vias são as principais causas de acidentes em Luanda.

Organizada DNVT, com o objectivo de sensibilizar os automobilistas e chamar a atenção do público para as consequências humanas, materiais e financeiras dos índices de acidentes de viação na província de Luanda, considerados os mais altos a nível nacional.

De Janeiro a 30 de Setembro deste ano, Luanda registou o seguinte quadro: despistes 119; atropelamento, 56; feridos, 1138; mortos, 472 e danos materiais avaliados em 700.647.000,00 (setecentos milhões e seiscentos e quarenta e sete mil) Kwanzas.

A feira em Memória às Vítimas de Estradas assinala-se, em todo mundo, no dia 19 de Novembro.

EDUARDO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO



CAUSAS Falta de sinalização e velocidade entre os “culpados”



O boletim é um documento importante, que ajuda o Governo a controlar o senso. Com isso, já sabemos quantas pessoas morreram, quantas estão vivas. O senso aumenta ou diminui, em função disso.

FILIPE MAHAPI,
CHEFE DOS SERVIÇOS DOS CEMITÉRIOS DO GPL

CACUACO
HOSPITAL SATURADO

Acima de 300 pessoas, com diversas patologias, são atendidas, por dia, no Hospital de Cacuaco. Segundo o director da instituição, João Bernardo, citado pela Angop, mais de 200 crianças estão internadas nas treze salas de pediatria.



SEGURANÇA

Pedonal do Tunga Ngó vai ser substituída

Uma nova pedonal, para os cidadãos residentes no bairro do Tunga Ngó, distrito do Rangel, e da Cuca, município do Cazenga, será construída nos próximos dias, para substituir a anterior, que se encontra em avançado estado de degradação.

A actual pedonal regista problemas no seu tabuleiro e apresenta alguma fadiga, colocando em perigo a vida das pessoas que a utilizam diariamente. O administrador do Rangel, Francisco Domingos, garantiu que uma equipa da empresa responsável pela colocação da nova pedonal já se encontra no terreno, a fazer trabalhos de topografia.

A pedonal do Tunga Ngo, construída na altura em que foram reabili-

tado os Caminhos-de-Ferro de Luanda (CFL), nunca beneficiou de trabalhos de manutenção.

"É uma situação preocupante, porque várias pessoas dependem deste meio para fazer as travessias", disse o administrador, acrescentando que a colocação da nova pedonal vai garantir maior segurança aos peões.

O Rangel tem um território estimado em 6,2 quilómetros quadrados e cerca de 261 mil habitantes, distribuídos pelos bairros do Rangel, Marçal e Terra Nova (sede distrital). O distrito está limitado a Oeste pelo distrito da Ingombota, a Norte pelo Sambizanga, a Este pelo município do Cazenga e a Sul pelos distritos da Maianga e do Neves Bendinha.

KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVEMBRO



INTERRUPÇÃO Obras da passagem superior para viaturas no Tunga Ngo

APOIOS

Camponeses recebem fertilizantes

Cerca de 200 toneladas de fertilizantes, 1.450 catanas, mil enxadas e mil limas foram entregues aos produtores rurais, para o reforço da campanha agrícola 2017/2018, numa iniciativa do Governo Provincial de Luanda.

Para o presente ano agrícola, estão mobilizadas 33 mil famílias camponesas - mais mil comparativamente ao ano de 2016 - organizadas em 54 associações e 44 cooperativas. Na campanha 2016/2017, os camponeses da província de Luanda colheram 200 mil toneladas de produtos diversos, longe dos números preconizados, devido à estiagem que se verificou na primeira e segunda épocas agrícolas.

No entanto, a falta de legalização das parcelas agrícolas e de tractores são elementos que inviabilizam o aumento da produção, por parte das associações e cooperativas agrícolas da província. A legalização das parcelas agrícolas facilita o camponês na obtenção de créditos junto dos bancos.

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



REFORÇO Mais e fertilizantes

Resenha da Semana

LUANDA

REGULARIZAÇÃO DA TOPONÍMIA ESTÁ EM CURSO

Um processo de regularização da toponímia e do número de Polícia está em curso, no quadro da renovação dos topónimos de Luanda. De acordo com a vice-governadora provincial para o Sector Político e Social, Ana Victor, citada pela Angop, ao intervir na abertura do colóquio "Independência, Identidade e Crescimento", o processo em curso é uma soberana oportunidade para renovar os topónimos e atribuir os nomes aos destacados cidadãos e aos heróis. Ana Victor precisou que ruas, ruelas, travessas, avenidas, becos, largos, praças, bairros, povoações, comunas, distritos e municípios possuem, alguns deles, nomes atribuídos na época colonial. A responsável salientou que outros nomes, dados após a independência, alguns de forma inusitada, com o surgimento de aglomerados populacionais desordenados, por não existir um controlo sobre os mesmos, são atribuídos de forma que só a criatividade popular é capaz de o fazer. Promovido pelo Governo Provincial de Luanda, através do seu Gabinete de Cultura, Juventude, Desporto e Acção Social, o colóquio, que decorreu sexta-feira, foi bem o exemplo do esforço para o debate e a reflexão dos aspectos sociais, económicos, histórico e culturais do país.

MAIANGA

HOMEM MORRE DENTRO DA 5ª ESQUADRA

Um inquérito para apurar as circunstâncias que levaram ao espancamento seguido de morte de um homem de 62 anos de idade, no interior da 5ª Esquadra, no distrito da Maianga, em Luanda, por dois agentes, foi aberto pelo comando provincial da Polícia Nacional. O director do gabinete de Comunicação Institucional e Imprensa da Delegação Provincial do Ministério do Interior, intendente chefe Mateus Rodrigues, disse que o incidente ocorreu depois da vítima, acusado de crime de burla, ter sido levado à esquadra por um outro cidadão (queixoso).

"Presume-se que a vítima tenha sido maltratada fisicamente pelos agentes e estes, vendo-o em mau estado físico, decidiram entregá-lo ao queixoso. O homem acabou por falecer momentos depois", explicou. O incidente ocorreu há uma semana.

EM DEZEMBRO

FESTIVAL JAZZ NO KUBICO PARA AGITAR O CLUBE NAVAL

A Nuno Martins Angola apresenta o I Festival Jazz no Kubico/Fusion, nos dias 08 e 09 de Dezembro, no Clube Naval de Luanda. O Jazz no Kubico/Fusion promete celebrar não só a música jazz, como também as suas influências. Por outro lado, pretende afirmar-se como uma aposta regular à promoção da música afro-americana, que é hoje património universal. Entre os músicos angolanos, destacam-se Ana Bela Aya, residente em Luanda, que, recentemente, venceu o "Grande Prémio Canção de Luanda", edição de 2017. Totó, Irina Vasconcelos, Jack Nkanga, Selda e os DJs Paulo e Ricardo Alves também constam da lista. O Brasil estará representado pelo músico Emerica, rapper e produtor musical. De Portugal, vem a cantora Joana Machado e a Dupla Mano a Mano. A festa inclui Mortem, da Dinamarca, e os Kamutupo.

Por fim...

CRISTINA DA SILVA
Directora Executiva



EDUCAÇÃO GRATUITA NA NOSSA LUANDA

A nossa recente visita ao Projecto Escola Mulenvos de Cima, localizado no bairro Baixa de Cassange, em Viana, colocou-nos diante de uma dura realidade, já bastante conhecida entre nós: a falta de escolas públicas em bairros de Luanda. Esta situação está patente aos olhos de todos e é um quadro que afecta muitas famílias, mais vivenciado a cada início de ano lectivo. Em boa parte das zonas rurais da província de Luanda não existem escolas públicas. Em quase todos os bairros, principalmente nos novos, as escolas são comparticipadas. A situação obriga a que muitos encarregados de educação optem por se afastar desta possibilidade. Embora os valores sejam considerados "simbólicos", muitas famílias não conseguem suportar o ensino das crianças sob as já citadas condições. Luanda, o maior centro populacional do país, é a principal zona académica e, este ano, viu subir para mais de dois milhões o número de alunos matriculados. A rede escolar pública foram acrescentadas mais 104 salas de aula.

De acordo com os resultados do Censo 2014, 13% da população entre os 5 e os 18 anos de idade encontrava-se fora do sistema de ensino. Dos 321.688 estudantes fora do sistema de ensino (12,9 por cento), 149.717 eram homens e 171.972 mulheres. Neste período, os homens dos 5 aos 11 anos representavam no gráfico 13,8 por cento, comparados aos 13,3 % das mulheres. Dos 12 aos 14 anos de idade, as mulheres representavam 6,3 por cento e os homens 5,8. Nas idades entre os 15 e os 18 anos, as mulheres apresentavam um pico de 19,6 por cento e os homens 14,8. No dia Nacional do Educador, assinalado a 22 último, o director do Gabinete de Educação, André Soma, disse que a província de Luanda tinha 40 mil crianças fora do sistema de ensino. A esta situação acrescenta-se o défice de professores, na ordem dos quatro mil. Algumas escolas da capital têm dificuldades de carteiras, quadros e materiais didácticos, o que contribui para o pouco aproveitamento escolar, cifrado em apenas 75 por cento. Em 2016, foi aprovado a Lei de Bases do Sistema de Educação, que prevê o alargamento gradual da obrigatoriedade e gratuidade do acesso da iniciação até ao primeiro ciclo do ensino secundário. Precisa-se com urgência educação gratuita.